PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 33
ANO 5
JANEIRO/2023

EDITORIAL

Eduardo Mahon
Editor Geral

Uma das mais conhecidas histórias de Andersen trata da roupa do rei. Vítima de um falsário, o monarca encomendou-lhe uma túnica. Tais foram as artimanhas do golpista que o manto invisível foi cerzido inteiramente de elogios, embora não existisse de verdade. Todos conhecem o final: uma criança apontou o dedo para o que viu e bradou – o rei está nu! Daí que muitos outros constaram o que era óbvio: o rei estava nu. Provavelmente, sem a exata consciência do que faria, Andersen antecipava uma metáfora apropriada para o estudo da arte contemporânea, incluindo aí a literatura.

De negação em negação, além de forjar uma tradição de rupturas que caíram numa previsível rotina, artistas dos mais variados segmentos insistem na comunicação criptografada. Como as gerações se sucedem e cada uma delas deposita o seu quinhão de expressividade, vivemos no contemporâneo uma meta-meta-meta-arte. É capaz de que as telas, pintadas de nada, sejam vencedoras de prêmios internacionais. Não importa mais a recepção do público, mesmo as mais encarniçadas rejeições. A única expressão realmente relevante é o sentimento do artista que diz o que é e o que não é boa arte. Ai de quem contrariá-lo! Levará uma pública carraspana.

O que nos resta, meros expectadores da inalcançável arte, é reciclar todos os nossos livros. O romance tem coerência interna? Não interessa. Há problemas de concordância e ortografia no poema? Pouco importa. Importante mesmo é que haja muito incenso e banho de espuma. O eixo de gravidade deixou de ser a estrutura da narrativa para dar lugar à temática, de um lado, e à biografia autoral, de outro. Arraigados no que pode parecer conservador, acreditamos que essa festa dure pouco. De qualquer forma, o baile de outros tantos do passado continua firme e barulhento. Haja fôlego...

Neste ano de 2022, comemora-se a Semana de Arte Moderna de São Paulo. De São Paulo ou do Brasil? Tudo indica que, através da reinvindicação geopolítica, o evento pretérito firmou-se de corpo e alma em São Paulo, o que não é ruim de todo. Ao contrário: é sintomático. Um grupo de autodenominados aristocratas, embriagados de éter nas almofadas, embirrou com uma estética artística considerada “passadista”. Trouxeram o que consideravam novidade. O que seria? O rompimento – mais um – com o ultrapassado. Internalizaram nas telas, nos livros, na música o que seria “cultura popular”, sem que nunca os salões fossem franqueados ao povo.

O que de popular havia nas imagens modernistas? O povo soube que estava sendo retratado? Qual seria a opinião popular desse autorretrato que pintaram? O quão brasileira foi a literatura do período? Quem a leu? Quem a comentou? A catalogação de tipos nacionais de fato enriqueceu o extenso inventário de brasilidades que começava 100 anos antes dos modernistas. Sempre importou encontrar o brasil-de-verdade, um país que, de verdade, não existe. Ou melhor, existe pelos olhos dos nossos artistas que pretendem “traduzir” para o mundo o que somos, como vivemos, o que sentimos.

O brasil-de-verdade foi redescoberto e refundado, mesmo que para isso tenha sido preciso importá-lo da Europa. Ainda que o movimento modernista gerasse contínuos canibalismos artísticos, ao se impor uma dura autocrítica, Mário de Andrade foi certeiro. Afirmou que que a principal herança daquela agitada semana foi impingir uma contínua revisão estética na arte brasileira. Essa prática tornou-se manual, o manual virou doutrina, a doutrina virou dogma. Um dos resultados foi o nascimento da tradição da não-tradição, a tradição do não-tradicional. É bem capaz de, algum dia, um dos aclamados príncipes do contemporâneo ser apontado na rua por uma criança a bradar – o escritor está nu! Quem dará voz a essa lúcida criatura?

SUMÁRIO

2 Editorial
6 Olga Maria Castrillon-Mendes
8 Aclyse Mattos
10 Adriano B. Espíndola Santos
12 André Siqueira
14 Caio Augusto Leite
16 Clark Mangabeira
18 Edson Flávio Santos
20 Eduardo Mahon
22 Fábio Júnio Vieira Silva
24 Fernando Fiorese
26 Francis Kur Kievicz
28 Gabriel de Mattos
32 Henrique de Medeiros
34 J. J. Garcia
36 Joaquim Cesário de Mello
38 Zé Mariano
40 Klaus Henrique Santos
42 **Sebastian Magnani**
44 Lorenzo Falcão
46 Luciano Lanzillotti
48 Lucinda Nogueira Persona
50 Mar Becker
52 Marcelo Labes
54 Marcos Morasck
56 Mário Cézar Silva Leite
58 Marta Cocco
60 Pablo Rezende
62 Paulo Sesar Pimentel
66 Raquel Naveira
68 Walesca Cassundé
70 Renato Medeiros
72 Maristela Carneiro
74 Anna Maria Ribeiro Costa

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Artista Visual Convidado: Sebastian Magnani
Colaboradores desta edição: Olga Maria Castrillon-Mendes, Aclyse Mattos, Adriano B. Espíndola, Caio Augusto Leite , Clark Mangabeira, Edson Flávio Santos, Eduardo Mahon, Fábio Júnio Vieira Silva, Fernando Fiorese, Francis Kur Kievicz, Gabriel de Mattos, Henrique de Medeiros, J. J. Garcia, Joaquim Cesário de Melo, Zé Mariano, Klaus Henrique Santos, Lorenzo Falcão, Luciano Lanzillotti, Lucinda Nogueira Persona, Mar Becker, Marcelo Labes, Marcos Morasck, Mário Cézar Silva Leite, Marta Cocco, Pablo Rezende, Paulo Sesar Pimentel, Raquel Naveira, Walesca Cassundé, Renato Medeiros, Maristela Carneiro, Anna Maria Ribeiro Costa.
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba

NUM PESCAR DE OLHOS

Olga Maria Castrillon-Mendes
É pesquisadora da literatura brasileira. Autora de Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso (Cuiabá: EdUFMT, Cáceres: EdUNEMAT, 2013); Discurso de constituição da fronteira de Mato Grosso, 2017; Matogrossismo: questionamentos em percursos identitários (Carlini & Caniato, 2020) e Letras cacerenses (Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021, em coautoria).

FUGERE URBEM

Uma das características do movimento arcádico, que surgiu em contraponto ao exagero da arte barroca, é o *Fugere Urbem* (fuga do urbano). Valia mais a simplicidade e o contato com a natureza do que os arabescos e detalhes considerados supérfluos. A alternativa da vida plena residia no espaço bucólico, intensificado no Romantismo, com marcas de loucura, isolacionismo, devaneios e até mesmo a morte, ou o mundo idealizado na figura do herói. A fuga, nesse contexto, residia na busca de uma realidade mais tranquila, longe do barulho das máquinas nas cidades em processo de industrialização. A burguesia se afasta para o campo e cria ambientes utópicos. Farto terreno para a criação.

No imaginário popular, de alguma forma, esses ideais continuam, seja no culto ao herói, seja na idealização do amor e da vida plena e realizada. Quando Manuel Bandeira lança seu libelo ao escapismo, com o conhecido "Vou-me embora pra Pasárgada", o Modernismo ressignifica a estratégia da reinvenção e da desterritorialidade. Reside, então, na Arte, as possibilidades de poder ser qualquer coisa, em qualquer mundo, em quaisquer situações impossíveis e inimagináveis.

Em toda a história da civilização humana a Arte expõe o mundo, desnuda-o pela visão crítica do artista, cuja linguagem expressa ideias, sentimentos, crenças e emoções. É também denúncia, nem sempre agradável. Essas vivências de outros mundos são fugas. Hoje atingem o virtual. A tecnologia transforma os olhares, amplia o acesso e nos coloca em tênues fios da navalha. Nessa progressão, será a tecnologia que nos levará à sonhada utopia? A realidade torna a imaginação possível, ou é exatamente o oposto?

A realidade em si não basta. O que é, por exemplo, uma tela, uma música, um jogo virtual, um filme, senão a representação do mundo idealizado, aquele que todos gostaríamos de viver (ou não), mas que se torna totalmente inalcançável? A vida como num jogo seria desejável?

Se pela arte podemos ser quem e como quisermos e criamos mundos e situações impossíveis na vida real, saber mentir bem é a grande sacada da ficção. Quando esses estímulos são colocados em ação, proporcionam mudança de olhares e, consequentemente, de atitudes. Que venham os mundos e suas complexas criaturas.

Aclyse Mattos
É escritor, poeta e professor da Faculdade de Comunicação e Artes da UFMT. Livros publicados: *Motosblim: a incrível enfermaria de bicicletas* (infantil – 2019) *O sexofonista* (contos - 2018), *Sabiapoca – Canção do Exílio sem Sair de Casa* (infantil – 2018), *Festa* (poesia – 2012), *Quem muito olha a lua fica louco* (poesia – 2000).

FAKE! FAKE! FAKE![1]

D'aprés le debat de la Band

Não seja tão apressado
Dizendo que é Fake News.
No Mundo e nestes Brazils
Tudo é tão Fake e forjado
Pois que todo fabricado
É astúcia, artifício, ardil
Que o Fake é idolatrado
Vivemos dentro do Fake
Vou te contar, veja só, viu?

Tem Fake Sex
Fake Gender
O Mundo do virtual
É Fake ou Real?
Quanto de Fake existe
na Kultura Mundial?
Quanto de Fake no Corpo
Peruca Botox Plástica?
Todos não vivem sem Fake
Então vamos dar um Break

Na censura travestida
De politicamente ideal
Vivendo num Mundo Fake
É Fake o trans? O traveco?
É Fake o famoso Xaveco
Que o malandro e
o milongueiro
Vivem de a todos burlar?

Tem gente que Faka na idade

Tem Fake Black na cota
Tem Fake Tribo na terra
Tem Fake Liberal
Mamando na Estatal
Tem Fake Conservador
Querendo a Revolução
Tem Fake Revolucionário
Dizendo que Revolução
Por Revolução, te-
mos a Tradição
E se tudo der errado
Não passa de um Fake Golpe

Tem Fake Inocente de
Fake Condenação
Tem Fake Coronelzão
abrindo seu Coração
Já tem Fake Feminista
Que no fundo é bem Machista
Milionária Vitimista
Igualdade é muito bom
Mas não me ataquem aqui não

Quem repudia veementemente,
Mente que nem se sente.
Se vemos por trás da mente:
A mente mente pra mente.
Quem pode viver somente
Sem Fake dentro da gente?

Existe o Fake Educado
Até que pisem-lhe o calo
Existe o Fake Juiz
(togado sem ser concursado)
Existe o Fake Vidente
Até que fique evidente
O Fake do Fake inda é Fake

Tem Fake Lei
Fake Indulto
Tem crime sem ter uma lei
Que descreva que é um crime
E não baste o "pronto, achei"

É tanto Fake na vida
(Quem nunca foi enganado!)
Que existe um tal de Geraldo
Que é quase o Fake Encarnado
Chuchu cheirando a Quiabo

Tem Fake Bolsonarist
(Como a Soraia Thronicke)
Tem Fake Comunista
(Como a Manoela Davil
com pose de Fake Miss
Na Fake Missa Matriz –
Mas nesse caso talvez
É mais comunista Fake
Como aqueles Socialistas
Milionários arrivistas
Que só Fake dizem
Que vivem assim na bonança
Porque estão num
Fake Capitalismo

Tem o Fake Jornalismo
Fake Isento até a medula
E tem a Fake Checagem
Com selo de Qualidade
Dizendo qual Fake é Verdade
Pudera o Fake do Fake
É a mais pura Sacanagem

Cultua-se tanto o Fake
(Será isso Idolatria?)
Tem Fake disseminado
Há tanto tempo espalhado
Que se torna instituído
(Veja a Ideologia)

É Fake pra cá e pra lá
Toda uma nuvem de Fake
Tem Fake mais que Mandrake
Cegando a População

Tem Fake Empresário
Vendendo Fake Vacina
Tem Fake Pesquisa
De remédio e de opinião
Tem Fake voto em papel
Elegendo Joe Biden
Tem Fake que era verdade
(no caso do Hunter Biden)

Tem Fake War e Fake sanção
Tem até um Fake President
De uma série de TV
Que agora é um Pre-
sidente Fake
(Agora falando sério
Seria Fake a Nação?)

Tem Fake Padre
Fake Pastor e Fake Religião
Religião que não liga
É sua pura negação

O Fake é mais que o Pseudo
Pseudo sabe que finge
O Fake finge que sabe

De Fake em Fake vigora
A todo tempo e a hora
Como dizia o Gregório
"O velhaco maior sem-
pre tem capa"
E assim nada vive ou escapa
Desse tapa de pelica
Viver na Polis critica
Sem uma dose de Fake
Nada prospera ou Implica

Então fica assim e assim fica
Se quiserem uma dica
Em formato de pergunta
Você, Leitor, é quem junta:
Fake! Fake! Fake!
Neste mundo de falsidade
É preciso explodir tudo
Para encontrar a Verdade?

02 de setembro de 2022
(lembrando que o Tempo é
Real, mas a data pode ser
Fake por ser coisa cultural)

1 Para cantar e dançar como a Disco Music "Shake Shake Shake" KC & Sunshine band

Adriano B. Espíndola Santos
É natural de Fortaleza, Ceará. Em 2018 lançou seu primeiro livro, o romance "Flor no caos", pela Desconcertos Editora; em 2020 os livros de contos, "Contículos de dores refratárias" e "o ano em que tudo começou", e em 2021 o romance "Em mim, a clausura e o motim", estes pela Editora Penalux. Colabora mensalmente com as Revistas Mirada, Samizdat e Vício Velho. Tem textos publicados em revistas literárias nacionais e internacionais. É advogado civilista-humanista, desejoso de conseguir evoluir – sempre. Mestre em Direito. Especialista em Escrita Literária e em Revisão de Textos. Membro do Coletivo de Escritoras e Escritores Delirantes. É dor e amor; e o que puder ser para se sentir vivo: o coração inquieto.

PÂNICO SIDERAL

Faz três dias que não saio de casa. No jornal, falam de uma nova cepa do coronavírus, *Ômicron*. Para evitar qualquer dano, vedei as frestas das janelas e das portas de entrada e da cozinha. A sorte é que o meu ventilador potente foi instalado no teto do quarto antes mesmo da pandemia. Mas, como os dias estão horríveis de quentes, deixo o ar-condicionado ligado praticamente todas as horas. O governo devia pensar nas pessoas que sofrem pânico. No começo do mês, tive de pagar a conta de energia no valor de seiscentos e oitenta reais e uns quebradinhos. Maria Lúcia, minha irmã mais velha, me telefona todos os dias para saber se ainda estou viva. Ontem, porque eu estava enfurnada no banheiro, com um princípio de desarranjo intestinal, ela ficou louca; ligou insistentemente, e, não tendo resposta, veio me ver. O porteiro lhe avisou que eu não permito a entrada de ninguém; nem do papa. Ora, para Maria Lúcia isso é um acinte. Imagine só, ela passou como um trator pelo porteiro, que tentou fechar o elevador, mas não antes de ela subir as escadas, prevendo o bloqueio. Quando escutei alguém batendo à porta, tomou-me o pavor. Eu não esperava ninguém. Alcides, o porteiro, quando vem entregar a comida, liga antes e bate à porta somente uma vez, para eu não me assustar; esse é o nosso código. A porta parecia vir abaixo, quando corri para me esconder no meu escritório – ou bunker, melhor dizendo. Lá, existem suprimentos para quem sabe trinta dias após o fim do mundo. E eu estava certa de que poderia suportar o vexame, sozinha, de me ver enlouquecida no espelho. O azar, no caso, foi porque esqueci o celular no quarto. No desespero, só pensava em me salvar, de alguma forma. O celular tocou uma, duas, trinta, cinquenta vezes, até que escutei a força dobrar na porta. Pensei em invasão extraterrestre – e não era, ainda, insanidade pensar assim, já que convivíamos com monstros absurdos: coronavírus, *Ômicron*, etc. –; uma tropa do serviço de inteligência do Estado, ou algo mais abominável, uma turba de insanos bolsominions – sim, alienígenas do presente. Fui, imediatamente, para debaixo da mesa, uma escrivaninha de pouco mais de um metro e meio. Coloquei a cadeira na frente, como escudo. O coração estava na altura da garganta, prestes a explodir, quando ouço o estrondo. Bombas?! As pessoas haviam se transformado em zumbis?! A nova cepa era capaz de dominar a mente humana?! Eu contava com o fim dos tempos e com a potência da porta de metal reforçada do escritório. Se o prédio não caísse, eu poderia ser a única sobrevivente. Consegui colocar o colete à prova de balas e o capacete, fornido, estilo Segunda Guerra Mundial. Invadiram, de fato – eu escutava sons de pés entrando. Por um instante, ouvi a voz da minha irmã me chamando, mas imaginei que fosse alguma alucinação ou algum disfarce desses monstros malditos. "Sou eu, Maria Celeste! Pelo amor de Deus, se você estiver aí, abra essa porta!". A voz de minha irmã estava como a dois metros de mim, muito firme, presente; eu a sentia me consolando, me ninando, como fizera em minha infância e adolescência, quando nossos pais morreram num desastre. Era ela, sim, eu sentia, e por tudo que é mais sagrado, por minha sanidade, completamente fragilizada, corri para abrir a porta e cair aos seus pés, pedindo socorro. Assim o fiz. Deite-me em seus braços. Ela estava mais desesperada que eu. Alcides nos olhava atordoado, sem saber o que fazer. Ele me viu no momento mais frágil, uma criança; contudo na hora nem pensei nisso. Chorei convulsivamente no colo de Maria Lúcia, minha única amiga e irmã. Quando recobrei os sentidos, voltou-me o pavor; estávamos decerto contaminadas pela nova cepa. "Ah, Maria Celeste, me poupe! Você e eu já tomamos as três doses! Pelo amor de Deus, minha filha! Vamos para casa. Aqui você não fica mais nem um dia!".

HEITOR TEM 6 ANOS

Nossa Senhora das Graças, lembro
do escorregão no banheiro. Queda
encharcada. Depois pude ver
melhor esta vida por Deus dada.

Pude ver Heitor na escola. Só
um menino sentado. Levanta,
corre, cai, menospreza o quibungo,
faz pabulagem, inventa arranha
infinito céu da brincadeira.
Heitor, menino esperto, veloz,
menino de abraço guizalhado,
içá fazendo festa em noturno
colorido de carrinhos. Motos
bem na sala cortando cadeiras.
Perco meus cabelos e o menino
é mais aderente no mundão
como a tinta azul desta caneta.
Ele também deve ter trenzinho.
Ele fez um desenho pra mim
de sol, arco de três cores, íris
verde, azul e amarelo. Laranja
imenso. Sem lobos o desenho
me faz vila ouvindo maritacas.
Heitor, Heitor, menino, seu anjo
nos decifra com letra de fôrma.

André Siqueira
É poeta residente em Jacareí, interior de São Paulo. Colaborou nas revistas Acrobata, Subversa, Mallarmargens, Ruído Manifesto, Gueto, Aboio, entre outras. Publicou de forma independente dois livretos, e em 2020 seu primeiro livro de poesia As Manhãs Fechadas (editora Gataria) foi lançado. Cursou a faculdade de Letras, sem concluir, e participa de eventos, oficinas entre outras loucuras literárias.

essa rosa pálida
que demora e não amadurece
essa minha face dada
ao inimigo sem hesitação
esse fim de tarde morno
sem promessa de aleluia
essa exaltação sem alcance
que nada eleva, essa treva
doce, essa lama, esse drama
de soluções impossíveis

esse dia inteiro, como nenhum
antes foi, como todos nunca mais
depois

Caio Augusto Leite
Nasceu em São Paulo em 1993. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) com dissertação sobre *A Paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. Integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018, na França e na Bélgica, a convite da Universidade Sorbonne. Teve textos publicados nas revistas digitais *escamandro, A Bacana, mallarmargens, Vício velho, Lavoura, Subversa, Literatura & Fechadura e Alagunas* É autor dos livros *Samba no escuro* (Scortecci, 2013), *A repetição dos pães* (7Letras, 2017) e *Terra trêmula* (Caiaponte, 2020), além de colunista da revista digital *Ruído Manifesto*.

BASEADO EM LEMBRETES REAIS

OBS:
o que tá em amarelo,
na página quarenta e nove,
vê se tá de acordo com Bethânia

E agora?
Não lembro se ligo pra ela
ou se vou lá no seu disco
Pirata.

Clark Mangabeira
Carioca cuiabano, é doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e professor adjunto de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Graduado em Direito, Letras e Ciências Sociais, é escritor de ficção, tendo publicado contos e poemas em diversas revistas literárias e acadêmicas, e escreve enredos das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

DORES DO MUNDO

os dias tornaram-se insuportáveis
a dor se instalou por completo
as esperanças
são flores arrancadas do jardim, com a raiz e tudo, e
permanecem intactas murchando sobre a mesa
invade-me o desejo de um abraço
de um beijo
que fizesse morrer todos os meus medos
todos os meus traumas
todas as minhas dores
toda minha insegurança
diante do mundo
diante de mim.

VOX NIHILI

eu te arrastei para dentro da minha loucura
e você enxergou além do que precisava ver.
abriu a caixa que desejava ser aberta
descobriu o mistério que medrava ser revelado.
não cessou na pergunta sem resposta.
e agora?
o vazio é o seu prêmio,

Edson Flávio Santos
É cacerense, doutor em Estudos Literários, pesquisador e docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários PPGEL/UNEMAT. É autor de *Aldrava* (2020) e *Utopias e resistências na obra de Pedro Casaldáliga*: escritos escolhidos (2021). Escreve desde quando descobriu seu amor pela poesia.

Eduardo Mahon
45, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.

Estimado confrade,

Recebi teu livro e me encontro deveras emocionado. Que capa linda! Quanta riqueza no papel, a gramatura, a cor opaca e amarelecida. A fonte que escolheste para escrever não poderia ter sido mais feliz. E a lombada? A lombada destaca-se na biblioteca em meio ao ordinário das outras. Quero que me digas quem foi o artesão. Não me negues o nome! Teu livro chegou na terça-feira. Estranhei porque o correio só vem às quintas. Mas a exceção está plenamente justificada. Veio-me o carteiro, balofo de meia-idade. Troncho demais para entregas tão nobres. Trazia nas mãos um embrulho em papel pardo. Papel pardo, meu confrade? Que travesso tu és! Embrulhas a joia em papel de pão. Não dei fé. Larguei o embrulho na cozinha, pensando ser dessas encomendas ordinárias que as criadas fazem. Ao final do dia, porém, não se deram ao trabalho de abrir o pacote. Somente então, fui olhar o destinatário. Como me deixaste curioso, hein? Meu nome com a tua letra caligrafada. Onde fizeste o primário? Não me lembro. Responda assim que puder. Recordo apenas que um primo meu foi teu contemporâneo. Talvez no liceu ou nos irmãos maristas. Levei aquele misterioso embrulho à biblioteca. Saltou-me o teu livro como a pedra preciosa que pula da rocha, piscando para o garimpeiro. E o peso? Surpreendi-me mais uma vez. O livro é, além de bojudo, denso. O papel é substância enganadora. Uma vez acumulado, verga a mais resistente ripa. Como sabes, procuro alguém para dar conta do meu jacarandá fadigado. É o peso dos anos e dos livros. Centenas, milhares. A madeira acabou por ficar ressentida. As traves, tábuas, dobradiças, tudo reclama manutenção. Mas teu livro estará num lugar especial. Isso é certo. Em qual seção? Ainda não sei. Não é científico, mas também não é uma dessas histórias fantasiosas. Ah, meu amigo! Ando preocupado com a juventude com essa mania de ler bobagens. Minha filha mais moça anda às voltas com poemas. Já disse que proíbo. A culpa, claro, é da mãe. A mulher cede aos impulsos do coração. Já te contei que minha esposa quer ensinar piano ao mais velho? Piano! O que teremos no futuro? Gente feita de cristal? Ou maníacos de ouvido absoluto? Às vezes, perco as rédeas da minha casa. Quando nasceu essa menina, a madrinha arvorou-se a ensinar francês. Minha comadre tagarelava em francês com a criança no colo. Dizia que, desde miúdos, deveriam todos escutar uma segunda língua porque esta soaria tão natural quanto a nossa. É claro que garota aprendeu, tu sabes bem. Ela e a mãe foram testar a fluência no Velho Continente. E de lá trouxeram-me o resto da afetação. Lenços, louças, chapéus e sapatos. E agora, o piano? Basta de Chopin. Voltemos ao teu livro. Que primor, querido confrade! Percebi a rica a costura. Ao abrir, as páginas unidas pela fina tessitura carmim exalavam o cheiro do novo. Não sou contra o novo, deixo aqui bem claro. Teu livro, por exemplo, é uma dádiva. A contracapa, a mancha, o entrelinhamento, a numeração: um monumento, em resumo. Poderia ele ser um dos tijolos das pirâmides egípcias. É disso que o mundo precisa: solidez. Até as mais colossais obras da antiguidade foram erguidas tijolo a tijolo. Assim também se formam bibliotecas como a minha. Uma a uma, as obras alinham-se, apertam-se, atraem-se e, no fim, amalgamam-se. Ao competir por espaço, suprimem lacunas, vedam frestas, formam monólitos. Caro confrade, meu gabinete me exige demais. Despeço-me assim de chofre, renovando meus cumprimentos. Agradeço penhoradamente. Havia aqui um espaço a ser preenchido. O tampo da escrivaninha, velho e gasto, bambeava trôpego. Não havia com o que calçá-lo. Ou o livro era muito fino ou muito grosso. O teu, porém, é perfeito. Parabéns pela obra!

Fábio Júnio Vieira da Silva
É alagoano, radicado em Nova Olímpia Mato Grosso há 33 anos. Doutorando e Mestre em Estudos Literário pelo PPGEL/UNEMAT, Graduado em Letras/Espanhol pela Universidade do Estado de Mato Grosso- UNEMAT e em Pedagogia pela Universidade de Cuiabá-UNIC.

DE OLHO

Olha aqui o que deixei de te mostrar noite passada, veja como é rubra a parte mais profunda. A desgraça de um homem está sempre ligada a não entender de bocetas, malas, beijos, panela de pressão e de flores, essas elas fazem questão de lançarem em face. Você nunca me manda flores, infame! Ela nunca trepa comigo direito. Houve um tempo que trepávamos, no quarto, na cozinha, no banheiro, na sala. Na praça Padre Cícero seis vezes, que o santo nos perdoe, ele não precisava assistir a tal cena. Ela me pagou um boquete muito gostoso na rua presidente Médici, não era tão tarde, mas não perdi a oportunidade de olhar seu rosto lindo de boca aberta a receber toda a porra e engolir vagarosamente e voltar a abocanhar o mastro supersensível. – Olha aqui logo, é mesmo muito vermelho? Pobre do homem que se acha esperto demais e se acha dono de uma mulher. Cego, lesado e incapaz de saber das coisas mais simples dessa vida. Eu aprendi da maneira mais difícil com Camila, uma moça lindíssima. Mandou recado pelo irmão para que nos encontrássemos na praça que orna a rodoviária, cinco da tarde. Pensei que teria todo tempo do mundo com a beldade, moça direita é o que diziam. Confesso que pensei em me comportar romanticamente. Fingi entender de flores, bombons e vinhos. Tempo perdido, a menina era especialista em cobrar pelos prazeres sexuais, duzentos contos por um anal, se eu soubesse que iria pagar por cada cena eu teria evitado gastar com uma cesta que ela levou para seu próximo encontro, com certeza o vinho ela aproveitou tranquilamente. Só ganhei uma mísera punheta. Eu é que não vou olhar nada, você nem tem um espéculo para que eu abra e olhe os detalhes da sua boceta. Eu acendo meu cigarro, pego meu copo de cachaça barata e me sento a olhar a rua calma. Penso na Camila, aquela puta da peste, fez eu gastar todos os trocados que consegui na semana com trabalhos de jardinagem. Por onde andará aquela puta, será que está igual essa daqui, pedindo para alguém lhe olhar a vulva, ou se acertou na vida de tanto explorar babacas feito eu. Tomara que tenha pego uma doença e aquela boceta dela tenha estragado. Gosto desse extraforte, me lembra a infância, cheiro que zonzeia a madrugada e se mistura com o da bisteca, frango ou peixe que minha mãe fritava para meu pai boia-fria. Parece que ela dormiu, parou de me chamar para ver aquela vulva que deveria estar mesmo vermelha de tanto fodermos o dia inteiro. Nem sei o nome dessa vagabunda que ronca em minha cama. Não quero saber, amanhã a despedirei com seiscentos reais e espero não a ver nunca mais. Espero esporrar em sua garganta ainda nessa madrugada, a vadia é louca por um anal. Já não sou tão novo, como por um milagre consegui foder com ela o dia inteiro. Deixarei ela descansar, porque só assim descanso também. Puxo a fumaça e a solto lentamente, vontade de cuspir desgraçada. Um gole e está tudo bem. Enquanto ela dorme penso na Enedina, que viagem maluca, mulher de filhos loucos e dona de um rabo, que rabo! Coroa gostosa, não tive a chance de enrabar a mãe de família, talvez pela mesma experiência que tenho com flores, nenhuma. Não sei escolher, não sei entregar e não sei escrever bilhetes românticos. Que se dane essa merda de romantismo! Sou incompetente e analfabeto quando a matéria é mulheres e sua xanas. Elas que tomem a iniciativa, que chupem se quiserem, que conduza o mastro a lhes penetrar o ânus ou a vulva. Se me der prazer gemo, se não digo palavrões e as vejo gozar. Na verdade, adoro quando elas se sentem à vontade e eu viro seu objeto sexual. Não tem preço ver elas uivarem de desejo e retorcerem a cada orgasmo. Ver os músculos se tencionarem a cada movimento de língua no clitóris, mordiscada nos mamilos, a exploração da orelha e o movimento de vai e vem nos orifícios lubrificados com líquidos seminais, cuspe ou óleos e lubrificantes artificiais. Não que eu não tive chance com Enedina, tive e não sabia o que fazer com a senhora dos meus desejos de adolescente. Brochei, acredite! Brocharia de todas as formas. Teria de ensinar a ela o que eu não sabia, tratar bem uma puta na cama, penso que agora sei. Será? Os detalhes com a quase foda me recuso a narrar. Me recuso porque quero evitar um desastre e que não venha acontecer o mesmo nessa madrugada quando eu tentar gozar na garganta dessa que ronca em minha cama. O que será que essa maluca queria me mostrar, será mesmo só a vulva avermelhada? No monte de vênus ela tem uma *tatoo* com a inscrição: Foda até arder. Um *piercing* e uma argola de cada pequeno lábio que ficava deliciosamente de fora. Quero dormir, quero poder não sonhar com um amor que me encontre, quero continuar a foder as vaginas, bocas e rabos que aparecer. Quero lembrar das fodas como uma criança lembra dos presentes que ganharam. Quero me deitar com todas as mulheres possíveis e impossíveis e não desejo deflorar virgens, elas que procurem outros signos e voltem depois. Mais um gole e um trago, espero que o amor não me encontre. Estou feliz dividir eu comigo mesmo e meu gozo com o mundo. Já ia me esquecendo, tenho sete filhos, eles não me têm. São praticamente filhos de outros, sei que são meus porque as mães me disseram, não registrei nenhum, não me sinto mal com isso, são quatro meninas e três meninos. Os pais escolheram os nomes para minhas gozadas. Não posso fazer nada, se as mães só quiseram meu prazer. Olho o céu pela janela aberta. Lá a lua clareia a estrada de cascalho, as estrelas brilham, os grilos fazem seu coral. Aqui ela ronca, o que tinha em sua vulva? Eu me sirvo com mais um copo de cachaça, enrolo novo cigarro com folha de caderno e volto ao passado. Por mim ela não mais acordasse, preciso da paz que tem meu silêncio. Preciso deitar e sonhar. Elas realizam meus desejos, meus sonhos não são capazes de realizar. Fodem meu corpo e minha vida, sugam meu pênis e levam minha alma. Trago comigo a tristeza e a alegria de não poder amar uma única boceta úmida para toda vida. Ela desperta sonâmbula: Ei! Você não vem olhar? Me levanto, vou até a porta, confiro se está fechada. Me fecho no banheiro e fico a meditar. Que caralho há naquela boceta?

Fernando Fiorese
É poeta, escritor, ensaísta e professor. Dentre outras obras, publicou Corpo portátil: 1986-2000 (reunião poética, 2002), Dicionário mínimo: poemas em prosa (2003), Murilo na cidade: os horizontes portáteis do mito (ensaio, 2003), Um dia, o trem (poemas, 2008), Aconselho-te crueldade (contos, 2010) e Um chão de presas fáceis (romance, 2015).

BUSTER KEATON EM 16 QUADROS

1.
Custa adaptar o corpo à roupa
acrescentar o ricto ao rosto
a máquina ao músculo.

2.
Para acionar o gesto
ou advogar o chapéu
precisa apurar
as engrenagens do olho.

3.
Entre a bicicleta e o abismo
o *clown* afronta nossos medos:
apenas o acidente
conserta o brinquedo.

4.
Uma mulher acena.
Por que Ítaca
quando Tróia me espera?

5.
Do caracol ao navio
o *clown* indaga:
onde estar
se desmantela a casa?

6.
Periscópio + rodas + catapulta:
o corpo futuro nos insulta.

7.
De acordo com Keaton
uma torquês basta
para operar o ciclone.

8.
Policiais e paralelogramos proliferam.
Também as noivas e os números
os bois e os bandidos.

Nascer exige mais apuro.

9.
Adiar o desastre. Adiar o riso.
O verbo antes. Depois o substantivo.

10.
Aplicada ao corpo
a lógica da roda
ri.

11.
Ao resguardo da câmera
Keaton desenreda
o étimo de Odradek.

12.
Porque o filósofo nunca ri?

Uma máquina
não foge do perigo.

13.
Duas bobinas
e o *clown* culmina
em zeros:
a elegância no apocalipse.

14.
A História se repete.
Até a comédia.

15.
Estar diante do mar
tendo as mãos como dique.

16.
Tudo caminha para a dissolução.
Apenas esse rosto permanecerá
imobilizado pelo abismo.

Francis Kurkievicz
É poeta, escritor e professor de Filosofia e Criação Literária, natural de Paranaguá/Brasil. Publicou, em dezembro de 2020, pela Editora Patuá, o livro de poemas B869.1 k96. Têm poemas publicados nas Revistas Acrobata, Hiedra, Mallarmatgens, Arara, Estrofe – traduções nas Revistas Zunái, Escamandro, Letra & Fel. Em 2022 teve seus poemas publicados nas duas maiores antologias mundiais de poesia: World Poetry Tree, organizado por Adel Khosan – Dubai/EAU; e Living Anthology of Writers of the World, organizado por Margarita Al – Moscou/Rússia.

De frente para o leste, percebo
apenas o silêncio da brisa oceânica
e esta luz que dá sombras ao olhar.
[Ruídos roídos
rumor de humores
gritos de ritos
me despertam, chamam, invocam!].
Mas tenho medo de dar as cos-
tas para este mar e este sol.
Tenho medo de volver o corpo
e encarar este horizonte em desalinho.
Nada sei de picos e aclives
de súbitas subidas
trilhas entrincheiradas
entre escarpas e fissuras rochosas.
[A verticalidade da exis-
tência me espanta!]
O sol ao meio-dia nos iguala
: humanos, animais, vegetais, minerais
Substância somos da mesma natureza
do mesmo íntimo e único espaço.
[Ruídos e rumores!].
Mas não há mais como ignorar
: os semelhantes se convocam
a confraria se aglutina
buscam o mesmo ar rarefeito.
Giro o olhar ao norte
numa distração dissimulada.
As narinas distinguem os odores da floresta
que se insinuam
na maresia da brisa marinha.
O sol declina.
Põe coroa nos cumes.
E direção no olhar.
[Humores e ritos!].
Giro o corpo num ásana preguiçoso
e me detenho no contrário.
E temendo não ceder mais aos meus temores
miro, de corpo inteiro, a trilha dourada
que o crepúsculo baixa.
E numa intuição serpentina e luciférica
me pergunto espantado
: será este o meu caminho?

Nunca estive confortável
nesta pele, neste tempo;
nunca estive conformado
neste desenho, nesta fronteira;
quase sempre, nunca estive estável;
ausente, fora do limite sempre;
como uma tangente com urgência
de outras curvas e pontos de fuga;
estive à deriva – Derrida
focando Foucault afogado
deletando Deleuze deludido
guardando-me de Guattari
: nunca estive convosco
à beira do cais e de outras companhias
prefiro os gérmens dos germanos
a fraqueza dos francos
[ou o latim crioulo dos latinos];
estive não estando
Estado mínimo
estagiando estradas
outros ínfimos, outros estádios
outrora auroras boreais;
nunca estive comportado, comportando
contornando contrastes e Adornos
e Benjamins e Marcuses e marquises;
contendo acasos e opacos
consentindo finitos estive
contemplando ocasos ociosos ou não;
estando conteúdo
não posso estar em mim;
estando em mim, contudo e portanto,
porto outros tudo e tantos.

Gabriel de Mattos
É arquiteto, professor universitário, autor de O Primeiro Filho e outras Narrativas, além de Volcanya Blues (com Ricardo Leite, o Ric Milk) entre outros, vem contando aqui na Pixé as lendas da imaginária Novo Paraíso do Norte.

ARQUIPÉLAGO DOS TEMPOS

Quando vieram para Novo Paraiso do Norte, na já velha *Variant* dele (principal fatia do que lhe coubera do parco espólio do pai), ela rabiscava opiniões nos artigos e desenhava elaborados bigodes dalinianos nos rostos masculinos e femininos do último número da revista *Amiga* (comprado no derradeiro posto da estrada asfaltada). Os dois não deixavam muita coisa para trás. Na verdade, nem tinham muita coisa mesmo. Nem muitos amigos heroicos (porque a ditadura agonizava e já estavam pendurados em empregos abençoados pela nova, mas não muito, elite) nem muitos contatos profissionais, já murchos desde os estágios. Pouco antes do casamento, onde até fora difícil arrumar convidados, ela trouxera uma *Manchete* das últimas (aquele império também claudicava) onde se falava da nova frente de exploração do norte de Mato Grosso. Engenheiro e contabilista sem laços no sul, embarcaram com apenas algumas respostas de cartas vagas para o norte do centro oeste.

O sul era careta, iam em direção ao místico Eldorado, se a *Variant* não fundisse o motor, ou se não conseguisse secar o distribuidor. Nada de apartamento pequeno em cidade grande (o que conheciam de sobra): oportunidades iriam surgir na cidade pequena onde teriam uma casa grande, onde pudessem plantar amigos e filhos (como cantava Elis Regina).

*

- Querida, cheguei! – A saudação era lembrança de um programa da tevê Tupi. Lembrança mesmo, ainda não tinham a antena parabólica para fisgar uma onda colorida no céu da Amazônia.

- E aí, conseguiu?

Ele deixa a mochila na mesa de fórmica. A barba não é ideológica, serve mais para enganar os grandes borrachudos que infestam a floresta que circunda a cidade. Passa a mão na testa, embaralha os cabelos, coça a testa.

- Fala logo, Rodrigo!

Ele sorri.

- Começo na segunda! Tem projetos sem nada de estrutura marcada.

Ela o abraça: - Que bom, querido! Voltar a trabalhar no que você sabe bem melhor do que ficar fazendo levantamento topográfico no meio do mato. Não ficaram chateados? Sair assim da empresa que é praticamente dona da cidade...

- Na verdade, bem... a construtora é deles também. De um cara da família.

- Menos mal. A gente não pode brigar mesmo. – ela se senta na cadeira vermelha de plástico. – Falando nisso, conversei com minha chefe... sabe aquela galeria que vão abrir perto da rodoviária? Bem, eu recebo a correspondência, além de fazer a contabilidade, e vi que eles recebem uns jornais e revistas pelo correio, pouca coisa, e acaba dando briga na hora do pessoal ler. Eu mesma só leio quando chegou dois números depois. Bem eu falei que posso trabalhar meio expediente e, conversei com um distribuidor de São Paulo... estou pensando em abrir uma banca de revistas nessa galeria, já tem um bom movimento por ali.

- Uau, banca Magnólia! Sempre achei que estava casando com uma empresária.

*

- Está pronta, Doutor Rodrigo, pelo menos coberta. Semana que vem a gente continua.

Ele olha a casa (sua casa!), no meio do terreno largo. Ainda está sem piso e só com as paredes rebocadas. Mas já tem energia elétrica.

- Uau! Vamos estrear! – Magnólia chega na *Variant* carregada com colchões e roupa de cama.

- Está disposta mesmo?

- Claro, Rodrigo. Quero dormir na NOSSA casa, primeira noite!, sagrada!

- Mas não tem nada aqui. Só as ruas demarcadas, os terrenos com cerca de arame farpado.

Ela nem lhe dá ouvidos. Já entrou na casa, acendeu todas as lâmpadas. Combinaram com o mestre de obras para deixar três cômodos limpos.

- Nem quero saber, eu te apoiei quando propuseram te dar o terreno para você mostrar que podia fazer uma construção boa, definir o padrão. Tem gente da Colonizadora que só comprou lote aqui porque você disse... nós dissemos, que era o lugar do futuro. Jardim Eldorado.

*

- Já deixei o Rod Junior no colégio. Reunião de diretoria agora, Doutor Rodrigo. – ela ri enquanto deixa a caixa arquivo barulhentamente sobre a mesa – Você não tem vergonha de te chamarem de DOUTOR, você mal terminou aquela faculdade!

- Eles me chamam também de Professor às vezes. Eu expliquei que você é que era sócia da escola, PROFESSORA de matemática Magnólia.

- Só por enquanto, a última professora de matemática que a gente arrumou era analfabeta.

- E a diretoria da empresa, nós dois, começa a reunião! – ele se recosta na cadeira da escrivaninha que, junto com uma mesa, uma prancheta de desenho, duas cadeiras e um sofá, completam, com um arquivo metálico, a única mobília da sala no primeiro edifício alto (cinco andares! elevador!) da cidade. – Nosso império está rendendo?

- Pagamos as contas e não precisamos muito de sócios capitalistas. A banca, o colégio, seu escritório de projetos e a loja franqueada de perfume estão de vento em popa.

- O que falta é concorrência.

- O pessoal da Colonizadora parece que não acredita na cidade... tudo bem que a madeireira está fazendo rios de dinheiro, e a soja...

- Enquanto isso, conversei com aquele cara que passou aqui; acho que vai dar para montar a distribuidora de bebidas: cerveja, refrigerante, água mineral...

*

Rodrigo se lembrou de tudo isso quando reviu a *Variant*, ainda funcionando, adaptada como camionete improvisada, entregando marmitas acomodadas em grandes caixas de isopor. O rapaz que fazia a entrega contou que o carro é o xodó do pai, que começou o negócio da marmita a muito tempo, mas que agora não tem saúde mais para sair pelas avenidas da cidade para fazer entregas. Rodrigo acha que ele não acreditou quando disse que ele é que trouxera o carro para Novo Paraiso.

Agora dirige um carro de tecnologia alemã, com injeção eletrônica (o distribuidor nunca vai molhar, aliás nem tem distribuidor), GPS e câmera de 360 graus para manobra. Só vai de casa para o escritório ou para o Novo Paraíso Golf Club, recentemente inaugurado. A butique de Magnólia vai fazer um desfile lá na sede, da nova coleção de uma marca carioca.

Da última vez que eles saíram juntos no carro, ela ficou postando opiniões em várias redes sociais no *smartphone*. Pensando bem ela não lê mais revistas. Existem revistas ainda?

Rod Junior deve assumir o escritório de projetos... a construtora, dele. A filha, Dália, já tem um blog para influenciar as meninas da cidade, deve também herdar em vida a butique da mãe.

Talvez ele siga o exemplo do dono da *Variant*, afinal não sente a saúde muito boa.

Mas isso tudo na mutuca, escondido. E ficou em Arroio das Antas. E muita gente diz que por causa de... Dona Astrolábia.

Aliás, lábia tinha ele, o Marcio Aurélio. E começou a cercar Dona Astrolábia, para desespero tanto do povo da Colonizadora quanto dos Carrilhão. Mas a solteirona acabou mesmo aceitando o flerte do sulista.

E aí são as conjecturas... como dizem.

O fato é que numa noite, finalmente, Dona Astrolábia foi convidada para a casa nova que Marcio Aurelio tinha feito na vila. Casa bonita, de material fino, onde ele “se escondia dos problemas”, como disse para ela.

Dona Astrolábia nunca tinha conhecido um homem assim, que conversasse com ela, que fizesse a corte. E nessa noite ela contou. Contou tudo. Que não era solitária porque queria ou gostava; que vivia retraída porque, bem, há muito tempo, quando ela era inocente, o velho tio advogado na capital a levara para o quarto e fizera... aquelas coisas, sabe.

- Eu não gostei, eu não sabia... e não foi uma vez só. E ele sempre deixava bem claro que agora não adiantava mais, que ela não ia arrumar ninguém para casar. Que ninguém casa com quem já foi inaugurada. Dizia assim: inaugurada! E acabou que ele mesmo começou a dizer que eu era louca, e meus pais me mantiveram afastada. Eu chorava muito, Marcio Aurelio, chorava...

Marcio Aurelio nada falava.

- Mas agora eu encontrei você, e me disseram que você é vivido, e eu acho que você não se importa com isso, que agora seus parentes vão fazer uma cidade melhor que Arroio das Antas, e a gente pode começar de novo, novo tempo... porque eu te amo, Marcio Aurelio.

Marcio Aurelio não falou nada. Atacou.

- Já que está inaugurada, vamos aproveitar a porta aberta!

A arma que apareceu no cenário ninguém sabe se era dele ou dela. Mas Dona Astrolábia descarregou duas vezes em Marcio Aurelio. Descarregou pelas várias solteironas enganadas e abusadas pelos figurões das famílias, descarregou pelos sonhos semeados e destruídos pelos covardes que assistem, ou querem aproveitar também, descarregou pelas meninas velhas que são essas mulheres de olhos secos que exibem suas desesperadas esperanças nas janelas dos sobrados e dos puteiros. Descarregou e voltou pra casa a pé, com o revólver fumegando na mão crispada.

Bom, é claro que nem Carrilhões nem o povo da Colonizadora, queriam muita propaganda sobre isso. Não adiantou vir polícia da capital: virou acerto entre traficantes ou similar. Melhor enfiar Marcio Aurélio num lugar discreto no novo cemitério da nova cidade; e nem no mausoléu da família, mais para longe da entrada ornamentada.

Dona Astrolábia, essa guardou o revólver, exigiu seu pedaço do patrimônio familiar; dizem que negociou bem. As meninas Carrilhão é que defenderam ela, que peitaram os mais velhos, que não deixaram que esquecessem, que começaram a desconfiar dos ramos políticos, judiciários e até eclesiásticos da família. E mesmo o povo miúdo de Arroio das Antas contava a história como estória, como lenda. Ela ficou um tempo numa casinha dela, ajudando quem pedia, contando sua sina, exigindo das visitantes que exigissem mais da vida e dos outros, que sempre tinha um revólver que aparecia para calar as injustiças. Depois sumiu num ônibus, daqueles primeiros que colocaram aqui na rodoviária.

E se a gente não sabe onde ela foi parar, a gente imagina, a gente deixa ela na imaginação. O que eu sei é que já tem um povo aí mais ao norte que está rezando, fazendo novena para Dona Santa Astrolábia do Norte. Se você quiser tenho até aqui no bolso a oração aprovada pelo sínodo...

MUTAÇÕES

lavo as mãos compulsivamente
quero me limpar
das sujeiras do mundo
mas ele é mais impuro
que as minhas mãos
mentalizo o branco-alvo
quero me livrar
dos pensamentos dos homens
seus arcos-íris
sempre mutam
para poças de sangue
sigo caminhos que decifro
nos voos dos pássaros
nas estrelas que despencam
nas barbatanas das águas
em vulcões submersos
nas marcas das patas
nos cometas que riscam
mas são pontos de interrogação

O QUE CHAMAM NEUROSE

há muito não andava a pé pela cidade
não visitava em cada esquina um país
não dava informações
partilhava conduções
reivindicava aflições
não me entregava aos
sinais
olhos furtivos da cidade
passos
não sentia tanto medo
  pressentia tanto perigo
  me entregava ao desespero
ao ordenar-me atos fugitivos (a cidade é belo-triste
                os países das esquinas tragilindos
                os encontros estranhos)
fiquei contente ao me trancar em casa
e olhar a vida pelas frestas da veneziana da minha janela
acho que a cidade está me deixando louco ou ficando louca
não saio mais a pé sozinho
ou apenas com uma mulher doce-frágil
o que acontece?

Henrique de Medeiros
Henrique Alberto de Medeiros Filho é escritor, publicitário e jornalista (presidente e titular da cadeira 10 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras - ASL)

TILIA

Imagino Hipócrates
à sombra de uma tília.
Muito mais tarde,
Antigos germânicos sob a sua frondosa folhagem
a inspirar-se para decidir
com prudência e justeza.
Talvez por isso
fique bem a ideia de paz e de justiça
à árvore doce e terna,
protectora, hospitaleira.
Da Grécia talvez lhe venha a raiz do nome.
Na terra onde nasci ocupava o largo do mercado.
O meu avô pedia-lhe folhas verdes
para os meus bichos-da-seda.
Sei agora
que o mais antigo lápis feito em madeira
terá escolhido ser de tília.

OLAIA

Há uma olaia no poema.
Ouves o que diz?
Há séculos que nos enganam,
carregando-o com uma lenda sem sentido.
Como poderia uma quase flor de tantas flores em rosa,
frágil,
carregar a traição,
o peso de um homem em pesado remorso,
só por romper da terra na Palestina?
Há uma olaia no poema.
Vês como anuncia a Primavera,
quando as outras ainda parecem dormir?
O poema sabe da terra grega e do Egipto
que escolheu para começar.
Trouxe-a das margens da Ponte Vecchio,
de Notre Dame de Paris,
de Serralves, da Gulbenkian em Lisboa,
e da Tapada de Mafra.
O poema sabe que é a árvore do amor,
há dezenas de milhões de anos.
Vês como é o contorno verde das suas folhas?

J. J. Garcia
Nasceu em Guimarães, Portugal, em 1959. Arquitecto, licenciado pela Escola Superior de Belas Artes do Porto. Sobre algumas das suas obras de Arquitectura a editora italiana Tre Lune Edizioni publicou a monografia A Tentação do Traço, em 2004. Tem publicado artigos de opinião sobre urbanismo, política local e nacional na imprensa local e regional. Publicou o romance Nuvem de Fumo, na editora Cão que Lê, em 2009. E o livro de poesia Vinte e Dois, na Poética Edições, em 2016. No prelo, com a BlueBook, o livro de poesia “O Percurso da Sombra”, que será publicado no verão de 2021.

AUTORRETRATO

Pinto com a língua dos dedos
esculpindo letras no granito alvo dos papéis

Canto com a mudez dos vocábulos escritos
bailando no intervalo das palavras
e nos espaços permitidos das vírgulas

Fotografo imagens, lembranças e afetos
com o olhar buliçoso da alma
salpicada de assombros e espantamentos

Interpreto minhas personas desnudadas
no tirar das máscaras e de seus ocultamentos
no descortinar dos véus e das mantilhas
dos meus vários outros acobertamentos

Componho sinfonias surdas
com as caligrafias inclinadas dos ventos
enquanto rabisco desenhos com linhas
nem sempre geométricas do tempo

No respingar colorido do preto e branco
retrato paisagens que por mim passam
talhando-me de fendas e sulcos
como uma tatuagem a me revelar inteiro

Nas paredes do tempo
em que vivo, choro, sorrio e vagueio
vou revestindo meus sentimentos
com trechos e versos descrevendo
as crônicas dos meus fartos
e inesgotados pensamentos

EPÍLOGO

Ainda não me cheguei à derradeira hora
nem ao instante que me for findo

Ainda não fechei por último as pálpebras
nem ao sono em que não mais acordarei

Ainda não acabou meu espanto
nem encerrei agendas e expedientes

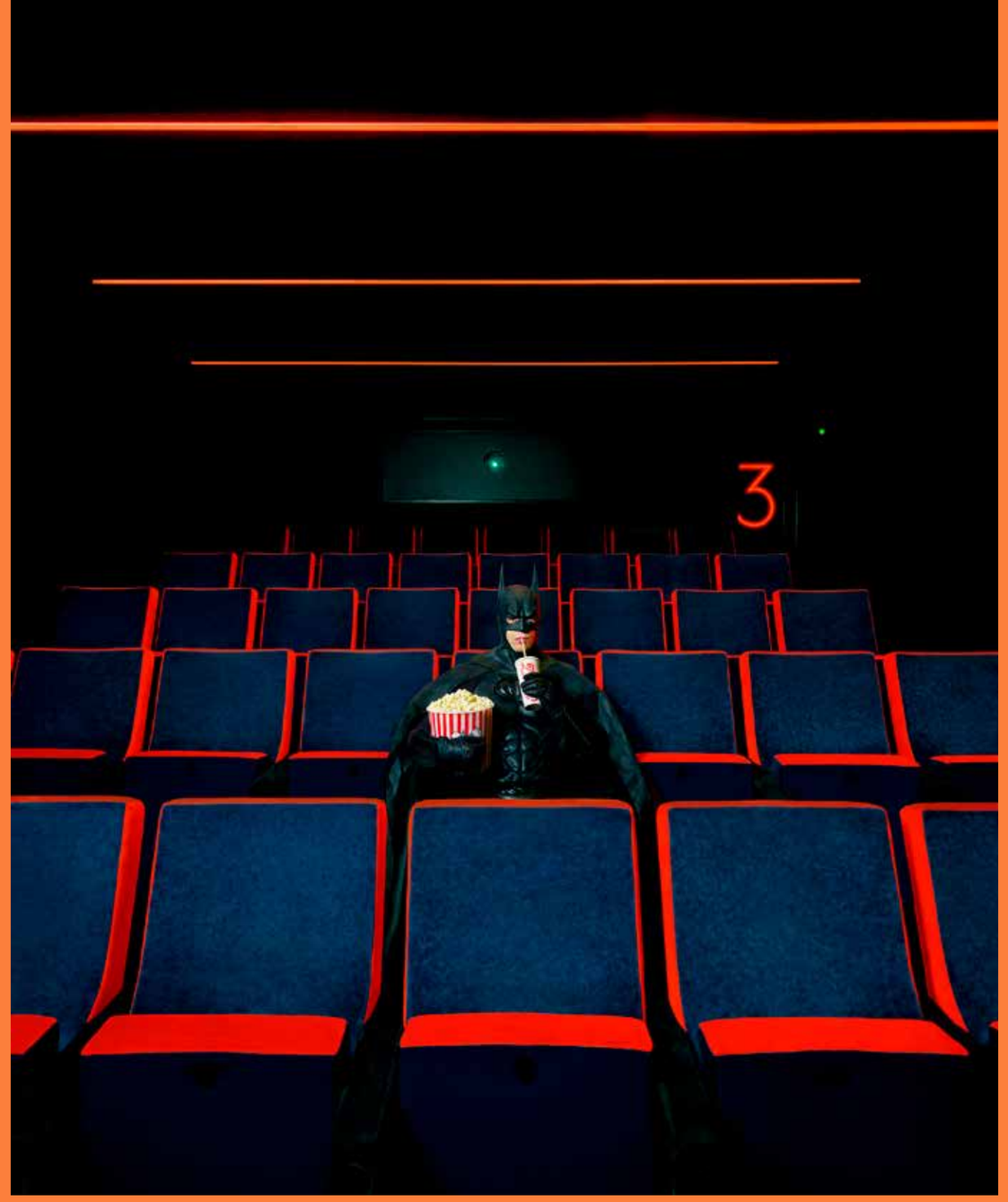
Ainda não interrompi os passos
nem há mapas no resto da estrada

Ainda não esgotei meus respiros
nem sei quando será o fatal suspiro

Ainda não me despedi daqui
nem minhas lembranças sumiram

E até quando a cortina não fechar
nas trilhas que os passos me levam
vou derramando versos pelo chão

Joaquim Cesário de Mello
É psicólogo, psicoterapeuta e professor universitário. Em meados dos anos 1980 participou do Movimento de Escritores Independentes e foi colunista da Vida Crônica (1998 – 2002) do encarte JC Cultural do Jornal do Commercio (PE) e é autor do blog Literalmente. Escritor e poeta, participou de várias antologias literárias, entre elas Nouveaux Brésils Fin de Sciècle (2000), Poesia Viva do Recife (CEPE, 1996) e Cronistas de Pernambuco (Carpe Diem, 2010), Poesia na Escola (SP, 2022). Pós-graduado em Pedagogia (UOE/PE) e com Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade (PUC/RS). Autor dos livros Dialética Terapeuta (Litoral, 2003), A Alma Humana (Labrador, 2018), A Psicologia nos Ditados Populares (Labrador, 2020), A Vida Como Um Espanto (Labrador, 2022), No Cemitério das Nuvens (Folheando, 2022)



Zé Mariano
É poeta, pesquisador e professor. Formado em Letras pela Universidade de São Paulo, é mestrando em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa pela mesma faculdade, lidando com temas como literatura afro-brasileira, estudos culturais, relações raciais e estudos de gênero. Foi editor da revista Crioula, publicação virtual de pós-graduandos do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP. Atua também como educador em torno de temas como literatura, educação e relações étnico-raciais. Teve poemas publicados em portais e revistas eletrônicas.

PLANTIO SOBRE DOIS MUNDOS

Em um suspiro, a presença limita a corda. E os
ferros soam como alarmes da indiferença
mal dizendo os sonhos.

Pois sonhos mal contados sugerem majoritariamente a dor.

Explico:
Eu quis nascer outro.
Desejei o outro.
Consumi o outro.
Tive na minha mão a
carne do outro.

E mesmo assim os astros não se alinharam.

Tornei-me os olhos não pertencidos,
tornei-me o fruto desconexo e estranho
a quem sempre me teve como desalmado

Sem alma mesmo,
inadequado à civilização.

Esta terra que abriga os homens é dupla:
seca as lágrimas do plantio sagrado,
molha as folhas que recusam o germinar.

Não fui foice, não fui cerca.
Não existiu corte transversal
separando o dito do não dito.

Habitei dois mundos e
negaram-me ambos.

E se grito socorro
é porque a corda é muito curta.
Se soluço tristeza
é porque o ferro é pouco.

Pouco,

Muito pouco.

Klaus Henrique Santos
Reside em Sinop-MT e é membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras (ASCL), nela ocupando a Cadeira 10, cujo patrono é Jack Kerouac. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo. Publicou Páginas da Escuridão (2012), Enfim, a estrada (2014), Horror & Realidade: contos (Carlini & Caniato Editorial, 2015), No Compasso da Loucura (Carlini & Caniato Editorial, 2017) e A poesia mora no bar (Carlini & Caniato Editorial, 2018).

JARDIM DO JACARANDÁ MIMOSO

Ao Woodstock Bar

O bar nasceu por si só, feito a magia de todas as coisas inexplicáveis. Primeiro brotou e cresceu no jardim, avançou envolvendo o velho jacarandá e contornando a piscina e, por fim, invadiu a casa. Dali surgiu o corpo administrativo composto por gerentes, chefs e atendentes. Ao serem questionadas sobre a origem do bar, desconversam e juram que o estabelecimento sempre esteve ali, "com atendimento de terça a sábado e a cerveja mais gelada do universo".

As mesas em madeira ficam dispostas no gramado do jardim e disputam espaço com estátuas de gnomos, rochas do próprio terreno e incontáveis folhagens venenosas e flores brancas que não foram plantadas, mas que teimam em brotar diariamente de forma organizada ao redor das mesas, uma demarcação feita pela força que alimenta o organismo-bar.

Descobri o lugar há cerca de um ano. Cheguei no início da noite e, sem notar os presentes, dirigi-me à mesa 10, que fica protegida pelo belo jacarandá florido, na parte central do gramado. Chamou-me atenção a felicidade com que trabalhavam, e a sincronização com que tudo fluía. Uma das atendentes, Isabel, possui um riso que se estende a uma gargalhada inconfundível, que ecoa e contagia o ambiente. Creio que de alguma forma, os pensamentos atinjam uma frequência comum quando adentramos o jardim. Só existe alegria, satisfação e o perfume exalado por aquelas flores brancas, que por si só é embriagante. É tentador permanecer plantado ali e esperar que nossos pés se conectem às raízes mágicas que dão vida ao lugar.

Frequento o bar assiduamente desde então. Passo por uma velha Kombi abandonada próximo ao portão e vou direto para minha mesa, extasiado de alegria e rindo junto aos que vou encontrando. Antes mesmo de me ajeitar na cadeira, me trazem a Brahma e um copo gelado, prestígio conquistado por um *habitué* que compartilha sua preferência.

Semana passada estive lá, contemplando o contraste do céu estrelado com a copa do jacarandá, carregado com suas flores roxas nessa época do ano. Uma delas se desprendeu e desceu lentamente ao copo, tingindo a cerveja de um azul arroxeado. O aroma era muito tentador e entornei o copo de uma vez. Enchi outro e tomei, engolindo junto a flor desta vez.

Naquela noite a Kombi hippie pegou para mim. O motor em absoluto silêncio impulsionou o carro e o vento me acariciou o rosto. Olhei o bar em penumbra pelo retrovisor e notei a ventania balançando a copa do jacarandá e desprendendo as flores, que ao invés de irem ao chão, preferiram ficar em uma ciranda dourada ao redor da árvore. Fechei os olhos e acelerei o carro sem motor. Em algum lugar naquele jardim encantado, Isabel gargalhava.

Sebastian Magnani
Guest artist

BIOGRAPHY

Sebastian Magnani is Switzerland based photographer known for his intimate portraits masterfully utilizing light and color to create emotional scenes. His latest series "Daily Bat" skillfully captures the aura of the cultural icon Batman, and places him within the context of our normal, everyday reality. The figure Batman becomes a person with whom we can identify with, seeming to sympathize through a shared sense of isolation.

EXHIBITIONS

Guy Hepner, New York/USA, 2022
Lyons Gallery, Sydney/AUS, 2021
Galerie Youn, Montréal/CAN, 2021
Photoville4600, Olten/CH, 2021
Photo L.A./USA, 2020
Photo Basel/CH, 2020
Gallery Alex Schlesinger, Zurich/CH, 2020
Gallery ADC, Zurich/CH, 2019
Coworking Tessinerplatz, Zurich/CH, 2019
Reel Luxury, Shanghai/China, 2018
Mythenschloss, Zurich/CH, 2018
Up & Coming Offline, Zurich/CH, 2017
Freitag Flag Ship Store, Zurich/CH, 2015
Photo Festival Cluj/Romania, 2014
World Wide Art L.A./USA, 2014
Salon de la Photo Paris/France, 2013
Nature Historical Museum, Neuchâtel/CH, 2013
Photo Festival Cluj/Romania, 2013

AWARDS

Lürzer's Archive 200 Best AD Photo, 2019
Go See Award, Stills, Gold & Public, 2015
Red Dot Award, Communication, 2014
One Eye Land Awards, Fineart, Gold, 2015
Photographer of the Year, 2012

FAUNÁTICO

na lentidão das águas pantaneiras
a vida em todo canto
eu canto
e faço coro pra ela:
louvo a bicharada

araras e papagaios
aves sideradas
passeiam pelo céu
e o tuiuiú sobrevoa:
olhares altaneiros

cai n'água capivara
e corre duro veado!
de galho em galho
o macaco vê
a onça que chega
e escuta o chiado da sucuri

jacaré tá de botuca:
não quer virar
comida de onça
nem bolsa de madame

enquanto isso
minúsculos mosquitos
batem as asas com ligeireza
pra zumbir na orelha dos outros.

Lorenzo Falcão

"Nasci inexplicavelmente para ser poeta", reconhece Lorenzo Falcão na breve biografia que acompanha "mundo cerrado" (assim mesmo sem maiúsculas por opção do autor). "O cerrado é meu lar e a poesia, o meu mundão sem porteira", conclui o jornalista, que nasceu em Niterói (RJ), mas cresceu em Mato Grosso, "entre barrancos, pedras e sombras", e trabalha há muitos anos como jornalista na área de cultura.

PAIS

Por entre camadas
procuro por vocês.

O tempo não retira contorno
profundidade

embora
tenham mudado tanto
em pele e músculos.

As vozes
ainda que as mesmas
da infância

lembram-me
que também
envelheci.

Luciano Lanzillotti
É doutor em Literatura Brasileira pela UFRJ, autor de Geometria do Acaso, Editora Dialética, 2021.

CHAPADA DOS GUIMARÃES

Nas lonjuras, recortando o horizonte, o lombo escuro das montanhas. O relevo milenar da Chapada. Todos os dias eu a contemplo dúzias de vezes e é sempre pouco. Estamos frente a frente. Imagino que também ela me crava a vista. Miramo-nos petrificadas. Em nossas bocas há gritos adormecidos. Da quietude que nos compõe, vamos nos reconhecendo, até o dia em que meus olhos desabem nas sombras como bagas maduríssimas do tarumã do cerrado.

In: MIRAGENS. Cuiabá: Entrelinhas, 2021.

Lucinda Nogueira Persona
É escritora, poeta, professora e membro da Academia Mato-grossense de Letras. Nasceu em Arapongas, PR, e vive em Cuiabá, MT. Estreou na poesia em 1995 com o livro Por imenso gosto. Publicou, entre outros: **Ser cotidiano** (1998), **Sopa escaldante** (2001), **Leito de Acaso** (2004), **Tempo comum** (2009), **Entre uma noite e outra** (2014) e **O passo do instante** (2019).

I

educar os olhos. cegá-los
aprender tudo pelo mar, que espelha o céu, que não tem fim
deus é a terceira margem
a partícula de sal, o grão de areia
os chineses colocavam pérolas nas bocas dos seus mortos, para que fizessem boa travessia
no mar de eternamente, da pérola de eternamente, o barco não cessa de partir. perde-se, reencontra-se
em tudo, a impermanência
em tudo, o incapturável sonho de chuang-tzu
(numa borboleta de asas transparentes)
viver é olhar um segundo de mundo através de uma asa

II

"vento sobre vento"
assim diz o i ching, no hexagrama 57
li esses dias que o i ching é um dos livros mais antigos da humanidade
três mil anos de existência, talvez até mais
o nome "livro", diz-se que vem do latim, "liber". também daí vem "libélula"
na palavra, o silêncio
o ideal de um livro é que seja escrito numa asa

III

uma estação que se vai
as janelas semiabertas, as casas, a chuva
o céu sob o céu, na água, em passagem
um fim qualquer
um começo
as cinzas dos nossos mortos espargidas
o pó que se espalha no voo
da mariposa

Mar Becker (Marceli Andresa Becker)
Nasceu em Passo Fundo/RS. Tem formação em Filosofia e Especialização em Metafísica e Epistemologia. Em poesia, publicou duas plaquetes, uma pelo Centro Cultural São Paulo, Coleção Poesia Viva (2013), e outra pela Editora Quelônio, Coleção Vozes Versos (2017). A mulher submersa (Urutau, 2020, edições no Brasil e em Portugal) é seu livro de estreia.

não haverá castelo construído
sobre tanta areia sobre tantas
covas ocultas - de perus ao
araguaia não se erguerão casas

sólidas. antes, essa miragem
que é brasília; antes, os campos
de soja e de milho em cujos silos
os filhos desse país se afogam.

se há ou não esperança, o trem
já partiu e não importa o horário,
o trem terá sempre partido.

se há ou não esperança, os aviões
caem como jacas parrudas sobre
as cabeças sonhadoras dos pedestres.

Marcelo Labes
(1984) É natural de Blumenau e reside em Florianópolis-SC. É autor, dos romances Três porcos (Caiaponte, 2020) e Paraízo-Paraguay (Caiaponte, 2019) e dos poemas de Enclave (Patuá, 2018).

ANUNCIAÇÃO

Dr. J. odiava os finais de semana, pior seria a aposentadoria, começava a prever. Nos outros dias ele era O-Professor catedrático, temido pelos alunos e pelos colegas do departamento. De segunda à sexta-feira, ele ensinava que a literatura era engajamento e potência transformadora da realidade e, ainda, distribuía argumentos irrefutáveis para todo e qualquer desavisado. No final de semana, por outro lado, quem mandava era ela. Na universidade, era conhecido pelo recorde imbatível de reprovações, por décadas, e pela fama de orador afiado, versado conhecedor de filosofia, dos princípios da abstração e dos fundamentos epistemológicos. Contudo, nos sábados e domingos, ele não passava de um reles e subjugado marido. Era como dizia o ditado popular: atrás de todo homem bravo-rijo, existe uma mulher com metade do tamanho e o triplo do vigor, que manda nele. J. se encaixava na descrição, com consentimento.

Com os anos, tinha desenvolvido habilidade Jedi em esquivar-se das obrigações conjugais. Não que não gostasse da coisa, só não gostava da coisa dela, do jeito dela, das regras dela, das posições dela e dos eteceteras dela. Certamente não era feia, era desagradável. A propósito, ele tinha aprendido a conseguir coisas mais carinhosas, mais agradáveis e em melhores ritmos longe dela. Nem sempre fora assim. J. quase tinha deixado de acreditar, mas ainda era capaz de se recordar quando ela não era tão madrasta de conto infantil.

Havia anos, ele tinha pensado em separação, mas sabia que ela não outorgaria e, além do mais, faria uma gritaria, aprontaria um escândalo. Ele não suportava confusão, odiava escarcéu. Também tinha pensado em fugir, desaparecer sem deixar rastros; contudo, desistiu da ideia por dois motivos: primeiro, porque ela, sem dúvidas, o encontraria e, depois, porque ela controlava cada centavo que entrava e saía da conta dele. Nada escapava às suas anotações feitas na ponta da caneta bico de pena preta, com aquela letra minúscula e metodicamente caligrafada, naquela agenda inrasurável, incorrigível. Dali, nunca jamais qualquer palavra foi subtraída ou retocada. É e É. O mero apontamento virava lei, edito pétreo.

Sábado era dia de compras, de empurrar o carrinho do mercado para ela, como um boi na cangalha, e, à noite, receber os amigos (dela). O roteiro era sempre o mesmo: Veja isso, J. Pegue aquilo, J. Já fez o que eu pedi, J? J. J. J. IDIJOTA! Se tivesse coragem, teria afogado a esposa na piscina e ligado para a polícia a fim de passar o resto da vida sossegado na penitenciária estadual. Deus certamente perdoaria os que sofrem. E por falar nisso, domingo era dia de ir à igreja, já que ela era crente, fervorosa e cantava todos os louvores com emoção e voz embargada. Era de chorar, de ódio. J., por sua vez, rosnava misturando sua voz rouca e baixa ao coro e juntos desejavam o descanso eterno e o livramento.

Nos últimos tempos, J. vinha pensando na aposentadoria e na morte, pois em poucos anos sua vida seria um interminável final de semana, um constante movimento pedra acima – pedra abaixo, regido por vocativos imperativos: J. para cima! J. para baixo! Pediu aos céus para que, pelo menos, ele morresse antes, a fim de que a misericórdia divina acabasse com aquele sisifrimento. Já tinha perdido a esperança de que ela embarcasse antes na viagem de bilhete único, pois sempre teve certeza de que o demônio não estava preparado para aquele tipo de concorrência desleal. Isso sem contar que ela comia direito, não tinha vícios, fazia exercícios militarmente e não tinha doenças hereditárias na família. Tudo ao contrário dele, é preciso mencionar. Logo, a probabilidade não ajudava a sonhar.

E, no entanto, J. não tinha consciência que a vida tem mais surpresas que best-seller. No domingo, no meio da missa, ela recebeu a ordem certa, axiomática e intransferível. Não teve tempo de gritar: J. faça isso! Tudo aconteceu num segundo de distração. J. nem viu, estava prestando atenção numa pomba branca, sentada no parapeito lateral. As penas brilhantes, iluminadas por uma luz que atravessava a janela. Quando a ave abriu as asas ele piscou duas ou três vezes, olhou para o lado, olhou para frente. Ninguém tinha notado aquele incidente misterioso, prolongado e radiante? Só ele?

Ouviu uma voz distante chamando, mas ele não queria responder, queria ficar ali, naquele momento e entender o que era aquilo: luz, pomba e ele, só ele! Um puxão e um grito o trouxeram de volta. Naquele instante, a viu, deitada no chão, de olhos fechados e de boca aberta como se tivesse sido interrompida em sua última ordem. Não fossem os dentes estranhamente aparentes e as sobrancelhas menos arqueadas que o normal, seria possível pensar que ela estivesse fingindo.

— Deve estar em choque — ouviu alguém dizer. Estava pensando no funeral, nas instruções, na ligação para o filho que morava na Europa, no cancelamento da viagem de final de ano que ela tinha planejado, na reforma da casa do litoral, precisava trocar as tintas antes que fosse tarde.

1) Flores brancas? — Amarelas.

2) Caixão fechado? — Aberto.

3) Enterrada? — Cremada.

4) Jazigo da família? — Sem chance.

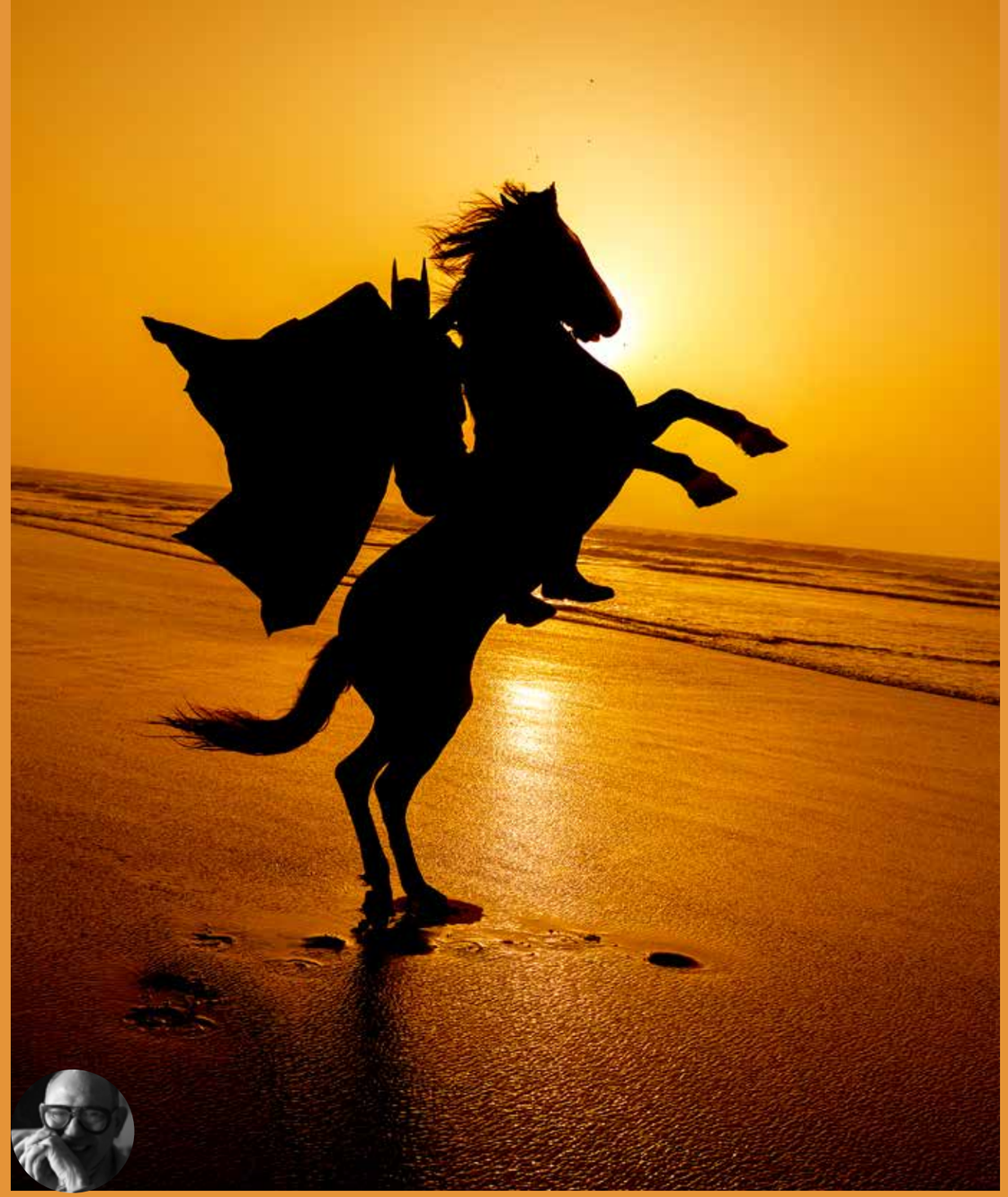
A lista seguia e, para falta de sorte de J., ele percebeu que era impossível desfazê-la mais de uma vez. Tudo pareceu tão rápido! Prazeres são efêmeros — o poeta tinha razão. Ah, se pudesse refazer aquele velório a semana inteira, o mês todo, inclusive nos feriados e dias santos. Não pôde, lamentavelmente, e quando se deu conta, os dias já tinham se passado e lá estava o sábado nascendo glorioso, preguiçoso, silencioso, pela primeira vez em milênios. Foi às compras habituais, recebeu a visita de alguns conhecidos preocupados, conhecidos que, inclusive, ele nem gostava. Conversaram sobre ela a noite toda: Que Deus a tenha... No centro dos infernos. Era tão boa e gentil... Como a Peste Negra e o Ebola combinados. Vai fazer falta... Tanto quanto um câncer.

No domingo, a missa de sétimo dia e as trombetas indecorosas das orquestras celestiais deixaram J. com um sentimento de realização. Ele não se sentia tão feliz desde... ele não sabia. Procurou a pomba encantada com a pueril esperança de que ela estivesse por ali, como um sinal de graça concedida. No fim, ele disse para si mesmo que tinha sido apenas uma mistura de coincidência e alucinação fortuita e afortunada.

Na segunda, após uma semana gozando o luto, quando chegou à sala de aula com um único livro novo debaixo do braço, os onze alunos que tinham resistido àquele semestre notaram a inesperada mudança no olhar de Dr. J. Ele inaugurou um sorriso e disse apenas três palavras:

— Mudei o programa... — e então viu a pomba! Interrompeu-se. Acreditou que era a mesma pomba sem mancha, suspeitosa, iluminada. Então, percebeu que o pássaro estava sentado no ombro dela, que sorria afável... Subitamente, antes do fim, tudo desapareceu, apagou-se a luz.

Marcos Morasck
É professor e autor de “O diário das eras”, “Castelo de Sombras” e “Uma aventura na terra da magia”.



Mário Cézar Silva Leite
É professor titular da Universidade Federal de Mato Grosso. Atua na Graduação em Letras/Literatura (IL) e no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO-FAC). Fundou e coordena o Grupo de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso-RG DICKE (CNPq/UFMT). Doutor em Comunicação e Semiótica, é crítico literário e escritor. Dentre suas publicações destacam-se: Recuerdos de Mi Abuela & Outros Estilhaços em Charla (Cathedral Publicações/Carlini e Caniato Editorial, 2020); Memorial [IN?]Descritivo: auto-ópera-biográfica-burlesca para professores titulares em literatura (Cathedral Publicações/Carlini e Caniato Editorial, 2017); Literatura, Vanguardas e Identidades: as Brenhas do Regionalismo (Cathedral Publicações/Carlini e Caniato Editorial, 2015)

MULHER PRETA COM SOMBRINHA COLORIDA

Amy WineHouse. A dimensão da renovação na música pop ocidental que essa moça magrela e desengonçada fez ainda está para ser percebida. O trânsito da cidade, na cidade, não é “caótico” como dizem. Ele é engessado. Tudo aprisionado em um gesso quente. Andamos em blocos. Nada se movimenta nas ruas. Sinal verde, sinal vermelho. Tudo engessado. Um bloquinho anda, outro bloquinho anda bem depois. Tudo parado. You should be Stronger Than Me. You been here seven years longer than me. Don’t you know you supposed to be the man not pale in comparison to who you think I am. Da paralisia do trânsito, vejo a mulher preta com sombrinha colorida parada na calçada. De onde eu a via, pelas costas, só parte das pernas levemente tortas o resto do corpo escondido pela sombrinha colorida. A tarde já parada parou completamente. O que a mulher preta com sombrinha colorida olhava, olhar que eu não via, tão intensamente. Since I’ve come home Well, my body’s been a mess. And I miss your ginger hair and the way you like to dress. Oh, won’t you come on over? Baixei os olhos e a mulher preta com sombrinha colorida olhava um mendigo deitado na calçada sobre um grande papelão. Amy juntou gerações. Conectou a juventude com os grandes mitos, mulheres pretas, do blues e do jazz. Trouxe, com sua voz levemente rouca toda, as divas dos anos 1950, 1960 renovadas no frescor de uma geração que nada sabia delas. O blues e o jazz de pretas norte americanas invadiram o mundo como uma das coisas mais pop-contemporâneas dos últimos tempos. E não era o jazz, não era o blues. Era Amy Winehouse! Um outro-mesmo como uma alucinação, um delírio. O que a mulher preta de sombrinha colorida tão intensamente queria com o mendigo deitado na calçada sobre um grande papelão? O que ela queria saber do mendigo, eu quis saber dela do mendigo. A tarde ficou engessada como o trânsito, todo em suspensão. O mundo translúcido entre a mulher preta com sombrinha colorida, o mendigo deitado na calçada sobre um grande papelão, eu e a Amy Winehouse. Tudo engessado num ínfimo instante da tarde. Depois de um tempo percebi, notei, vi o que a mulher preta de sombrinha colorida olhava tão intensamente. O mendigo deitado na calçada sobre um grande papelão parecia não respirar. Lembrei de Janis Joplin, Billy Holiday, Elis Regina. Vieram-me as imagens de Billy Holiday, Janis Joplin, Elis Regina. They tried to make me go to Rehab, But I said no, no, no. Yes I’ve been black, but when I come back You’ll know, know, know I ain’t got the time. And if my daddy thinks I’m fine, They tried to make me go to Rehab. A tarde desengessou-me e segui deixando a mulher preta com sombrinha colorida olhando o mendigo deitado sobre um grande papelão. Nunca soube se a mulher preta com sombrinha colorida descobriu se o mendigo deitado na calçada sobre um grande papelão respirava ou não. We only said goodbye with wordsI died a hundred times. You go back to her And I go back to. Sumi na tarde. Talvez morrer seja apenas se deitar na calçada sobre um grande papelão e ter em companhia, numa última visão, uma doce e preocupada mulher preta com sombrinha colorida

ENSAIO SOBRE O TIRAR E O PERDER

"sei que nada sei"
só não sei mentir
ao rezar ou rir
(Antonio Carlos Lima)

Eu vi tudinho, seu delegado, deixa que eu conto, o meu marido foi pro hospital com a senhora idosa, mais a que tava grávida e as duas criança. Eu tava com ele, anota aí:

A gente tava indo pra Tangará da Serra. No que passamo o Bugres, os cara viero de lá de trás. Quan¬tos era? Era em três. Vestido como? Ah sei lá, tavo de roupa normal ué, calça e camisa, camiseta e eu havia de repará nesse tipo de coisa? Ah, um tava com a ca¬miseta escrito nike bem grande, esse eu me lembro. Dois tava armado o outro não. Gritavo feito besta. E eu gritei co eles ora, nem meu pai gritava comigo, havia de bandido gritá? Meu marido só faltou ponhá a mão na minha boca. Aí eu vi que era sério, fiquei quieta, mesmo assim eles encostaro o revólver na minha cara, aí eu fiquei com medo, fiquei muito quieta daí esse cara foi pra frente com a arma apontada enquanto os outros dois ficava recolhendo as coisa. Sim, foram tirando tudo das pessoa, é celular, é cartera, é óculos, é relógio. Ficavo gritando, tira essa pôrra logo aí, tira essa merda, não enrola, vai tê chumbo, não brinca com os mano, o primero engraçadinho vai dormi debaxo de sete palmos... Essas besterada tudo. Era um tira isso tira aquilo. Só faltava pedi pra tirá as calça. Aí também era muito atrevimento, né? Nas malas que tava embaixo não relaro, não. E tinha um que não era tão agressivo, ficava repetino: nóis não qué machucá ninguém, nóis só tá fazeno o nosso trabalho. Não, pera aí! Por isso que eu preciso de contá isso, foi quando conseguimo chamá ocêis. Tinha um cara, vim a sabê depois que é professor. Pois ele ficava encolhido num canto, tava no banco do nosso lado. Pensa num homi apavorado. Tremia, arregalava aqueles óio branco dele. Eu fiquei com dó do coitado. Falei pra ele, fica tranquilo, moço... foi quando meu marido ponhô a mão na minha boca. Meu marido é da polícia, também, cês já sabe disso, mas não tava fardado não. Diz ele que a sorte é que os documento dele tava no bolso da camisa e eles nem percebero, porque bandido tem mania de implicá com polícia. Então! Daí que eles mandaro o motorista descambá pruma estrada de terra, ali pronde vai pro sítio dos Moura, então, lá eles juntaro tudo as coisa que tinha robado, ponharo num saco, trancaro o ônibus e ah, o pior ocêis num sabe, pois um dos engraçadinho bateu uma foto de nóis. To falano, o negócio foi de cinema... Falo assim ó: aê pessoal, sorrindo todo mundo que essa vai pra possteridadi... Bom, daí fecharo o ônibus, falaro mais meia dúzia de besterada e montaro num carro branco. Eu ia prestá atenção qual era a marca do carro? Vi qual era não. E vazaro. Pera, é aí que eu vou chegá. Quando o tal professor levantô-se, menino, eu olhei pro meu marido, aí eu tive que ri, não deu pra aguentá. Tinha um troço nas calça do homi, eu pensei na hora. Cagô-se. Menino, pensa que na hora do desespero... Eu falei: é pra acabá, coitado do homi. Daí ele foi lá pra trás, não, o ônibus tinha banhero nada, ôxe, aí a passage fica mais cara, eu hein? Então ele foi lá atrás, aí eu pensei: vai se limpá no quê a criatura? Daí que pra nossa surpresa ele veio de lá, ainda assustado: eu tô com celular, calma pessoal, já estou ligando pra polícia. Aí meu marido falô na hora o número e pediu pra falá com vocêis. Nessa hora que a dona desmaiou. Ela tava falano que eles levaro tudo as coisas dela, mas não se importava com o dinheiro não. Ela tinha recebido a aposentadoria ontem e tava vino pra cá pro enterro dum sobrinho que tinha morrido porque esperô demais pra operá na fila do SUS. Mas o desespero dela é porque nas coisa que eles levaro tava a última carta da filha que tá no estrangeiro e faz dois mêis que não dá notícia. E parece que na última carta as notícia não era boa. O tal emprego que tinham arrumado pra ela por lá não era bem um emprego. Ela tava pedindo ajuda pra voltá.

Aí o resto ocêis já sabe.

Marta Cocco
Marta nasceu em 18/09/66 em Pinhal Grande-RS, veio para Mato Grosso em 1992 e atualmente reside em Tangará da Serra. É professora de Literaturas da Língua Portuguesa da UNEMAT, Doutora em Letras e Linguística, membro da AML e autora de 11 livros.

Pablo Rezende
É filho de dona Ilda, poeta e professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação da Rede Pública do Estado do Mato Grosso. É graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e Mestrando em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). É autor do livro O dever e o haver, publicado pela Literata, em 2011. Têm poemas publicados em várias antologias poéticas nacionais e internacionais.

A LATA

E eu que caminhei por tanto tempo
Por tanta vida
Horas e horas
Ruas e ruas
Interminavelmente
E nunca me encontrei

Até que
De repente
(Se é que a vida pode me surpreender)
Encontrei uma lata de refrigerante
Utilizada em seu propósito mercantilista
Em sua validade de 2 ou 3 minutos
Um regozijo intenso e efêmero
Descartada ao fim de sua utilidade programada

Ao fundo
7 badaladas
O sino da igreja ressoava
Caminhei em meio às sombras que me assolavam
Tropecei em meio aos degraus
Com o mesmo ímpeto mercantil
Sob um propósito divino
(se é que Deus faz parte desta coisas)
Em 2 ou 3 minutos
Ali mesmo
Aos olhos de quem passava
Peguei aos dedos
A pedra
(cloridrato de cocaína com bicarbonato de sódio)
A lata
Como um bicho fiz dela meu cachimbo
Uma ponte para a única existência possível
Do alumínio à pedra
Às sensações
Às emoções

Ao longo das badaladas
Sonhei
Fui à lua
Às estrelas
Ao amago de mim mesmo
Ao encontro de minha mãe e minha filha

E como se não houvesse a partida
(Amassei a lata)

Parti
De mim e dos meus sonhos
De minha mãe e de minha filha
Do alumínio e da pedra.

Paulo Sesar Pimentel
Natural de Mato Grosso do Sul, mas residente em Mato Grosso há mais de 20 anos. Graduado em Letras, Mestre em Estudos de Linguagem e Doutor em Psicologia, é professor do IFMT Campus Cuiabá – Bela Vista. Publicou as coletâneas de contos "O cão sem penas" (2014), "Diário de Uma Quase" (2010), "Café com Formigas" (2005) e "Ângulo Bi" (2002 - com outros autores mato-grossenses).

CORREIÇÃO

"Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino. Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido."
(I Coríntios 13. 11,12)

O que você faria se não tivesse medo?

Estamos sentados numa sala de espera. Bem cuidada e bonita. Tenho 19 anos. Não tenho mais. Mas me vejo tendo 19 anos. Revivo. Economizei por semanas e vim. Todos os meus amigos falam daqui. Todos já tiveram seus momentos aqui. Faltava só eu e o Pereba.

Pereba é negro, reluz quando a claridade reflete em sua pele. É bonito, a sua maneira. Tem jeito fugidio e arisco. Magro, definido e bruto. Raramente fala. Acho que só veio mesmo porque todo mundo veio. E porque eu estaria aqui. Fiz o mesmo por ele. Não sei como conseguiu dinheiro. É tão pobre quanto eu. E esta tão nervoso quanto, imagino pelo balançar constante dos joelhos. É bruto, mas tem medo. Faz uns dez minutos que estamos esperando. Acho que ele vai primeiro, eu vou depois. Ou não, não sei. Só quero ir porque todo mundo foi. Só´ quero fazer, pois se não fizer, continuo sendo gozado nas rodas. Pereba é igual.

Penso em quando eu crescer mais. Esperar é um encontro consigo mesmo. Não converso com Pereba, ao meu lado. Não olho para ele e ele respeita isso. Não olha para mim. Os dois sabemos a razão de estarmos aqui.

Ela deve ter uns trinta anos. Mudou-se pro bairro sob a proteção de alguém. Alguém que manda. Ninguém se mete com ela, só se pagar. E ela cobra caro. Diz que já foi pra tudo quanto é lugar. Diz que já conheceu gente que só se vê pela TV. Eu acredito, todos acreditamos e por isso juntamos dinheiro. Pra vinte minutos. É o que podemos pagar.

Estou nervoso. Não é minha primeira vez. Teve uma negrinha com quem fiquei em pé´, encostado numa cerca viva, com uns quatorze anos. Foi a primeira. Num me pediu nada, não me deu nada. Só levou minha pureza. A dela, nunca soube onde ficou. Outras vieram. Elas querem proteção. Elas olham pra mim, grande, ombros largos, boca grossa, olhos árabes e tristes, cobertos por sobrancelhas espessas e acham que serei um dos chefes. Geralmente, quando descobrem que estudo à noite, carrego caixas durante o dia e vivo num barracão miserável, sonhando em fazer uma faculdade e sair daqui, fogem de mim. Procuram outro. Pereba até convence e as tem. Perco, mas o que me interessa delas eu já peguei.

Hoje vou pagar. Vou pagar pra ter algo que sempre tive de graça. Por tempo determinado. Até elas saberem de meus sonhos burgueses. Elas tem sonhos marginais. Meus amigos riem de mim também. Eu tenho dezenove anos e visto roupas velhas, tênis surrado. Eles, com poucas entregas já tem uma calça bacana, dois tênis, camiseta transada, boné´. Às vezes me emprestam. Às vezes só riem de mim e falam que canudo num enche barriga, nem cobre os ossos. Eles estão na moda. Tenho dezenove anos, mas se eu me adiantar, verei daqui a dois, o Pereba morto por dívida, este mesmo que esta ao meu lado. Verei o Joãozin preso, assassinado na cadeia, Rico paralítico, bala de policial num perdoa, Neguinho sumido, desde o dia do ônibus. Verei a mim, morando no centro, trabalhando e negando origens, sonhando em comprar um carro com o salário de professor do estado. Farei concurso público com vinte e três. Em tão pouco tempo, tudo vai mudar. Mas agora, eu estou aqui, sentado com Pereba, meu amigo ainda vivo, esperando a moça chamar. Disseram que ela geme em língua estrangeira, a gosto do freguês, que ela foi bailarina e mexe como se não tivesse ossos, que vale cada centavo caro cobrado. Pereba se levanta e vai. Eu fico. Mais vinte minutos de espera. Meus vinte anos me esperando. Tenho dezenove e ainda creio no mundo. Apesar de tudo ainda creio no mundo. Esperar não me é, ainda, um problema. Mas penso no passado. Em vinte minutos, relembro o meu começo de tudo.

Não sei por que algumas lembranças resistem. Não há nada que as apague e, mesmo só

lembranças, postas sobre um cômoda, viradas para a parede, numa gaveta, encobertas por outras e outras, às vezes elas emergem. Estranho esse pensamento. Brotou espontâneo. As lembranças, às vezes, tem vida própria.

Com três anos, vivi minha primeira espera. Morávamos em uma casa de bairro, outro bairro, bem afastada de qualquer civilização. Brincávamos no barro batido ou na poeira suspensa e rezávamos, eu ainda com três anos, para que a prefeitura nunca passasse por ali, concretando nossos sonhos de desbravar uma terra solta e movediça. Ela nunca passou, mas os sonhos se perderem no barro e na terra solta.

A casa de madeira, suspensa em vigas quase podres, tombava pro lado esquerdo, mostrando o quão esquecidos nós éramos. Eu não conhecia livros e as únicas poesias de minha vida eram as paródias maldosas dos moleques da rua, que eu não entendia, e as canções que mamãe sussurrava, em dias bem esparsos, não pra mim, mas para seu sonho, uma menina recém-nascida que dormia ao meu lado. Eu esperava a minha vez.

Eu fui a primeira grande decepção de mamãe. Ela queria ninar um espelho, uma menina, e vim eu, moleque robusto e chorão, vermelho e feio, minar seus sonhos maternais, lembrança de todos os homens que passaram e passariam por ela. Ela chorou por três anos, queimando velas e esperando seu ventre encher. Tantos homens passaram, tanto sua cama esquentou e, até minha irmã brotar, pra ouvir cantigas suaves de mamãe, eu fui ninado por gritos e gemidos, palavras torpes e poesia vulgar de todos os machos do bairro.

Um dia, ela sorriu e, de seu sorriso, brotaram formas arredondadas no corpo, brotaram lastros de felicidade em seu rosto e, rotunda, ela me acariciava, menino de três anos travesso, projetando novamente seus sonhos no mundo que nela se formava. Alguém do alto ouviu e, nove meses depois do último gemido na cama ao lado, brotou minha irmã, pequena e amada, espelho de uma grande mãe, frustrada e flácida. Eu só espiei. Traquinei, esperei e vivi a desgraça de quem sente o favo e não chupa o mel.

Com um mês e meio de nascida, nossa casa foi invadida. Formigas pretas e pequenas, em número suficiente para serem grandes, tomaram nossa casa numa correição. O mato ao lado colaborava com toda sorte de pestes estranhas, inumanas e desconhecidas. As formigas tomaram tudo enquanto dormí- amos e só as percebemos quando elas roeram minha perna, envolta esta numa camada daquelas, expulsas então por um grito que nem sei exatamente como brotou.

Mamãe pulou da cama, pegou-me no colchão, chacoalhou-me e, ao longo de toda a vida, esse foi o único momento, em movimentos bruscos destinados a mim, que soube efetivamente o que era o amor, ou somente a preocupação que poderia evoluir para o amor. Terminou logo, sem tempo para evolução. Ela lembrou-se de minha irmã e, quando se virou para arrebatá-la do ninho, descobriu uma massa negra e pulsante, no lugar de uma criança sadia e vivaz. Não houve tempo e nem todas as lágrimas derramadas, muitas, foram suficientes para afastar a correição, que roeu até os ossos, deixando branca e casta uma criança sobre a cama.

O movimento das formigas foi ligeiro. Não lembro quanto durou, mas rapidamente, um rio negro avançou pelas paredes, abandonando a cama e deixando um rastro de limpeza pela casa, deixando branca a cama, com ossos reluzentes, branca a cozinha, sem pingo de gordura saturada em canto algum. Deixou também mamãe, que se pudesse, serviria suas carnes fartas como castigo às formigas. Ela até tentou, mas saciada, a correição foi embora. Durou horas seu choro fininho, repleto de olhares enigmáticos para mim.

Quando amanheceu, vieram os vizinhos, sem grandes perdas, movidos por uma calmaria que

talvez os tenha as- sustado. Mamãe geralmente gritava demais. Desse dia em diante, o silêncio brotou forte de seus lábios, cada vez mais apertados e seu corpo flácido e gordo, simplesmente despencou. A gravidade finalmente a atingira e ela se suspendeu no ar por apenas mais três ou quatro meses. Perto dos quatro anos, estava eu sozinho no mundo.

Cresci sem sortes nem azares. A rua é o passatempo predileto do vagabundo. Naquela época, sem rumo, me arrastava por todos os cantos, dormindo por favores, esquecido por qualquer ordem social. Cresci como crescem os lírios do campo, mas sem a vestimenta bela, nem o farfalhar suave que indica a predileção divina. Cresci me esgueirando pela poeira, galgando ruas e, pela esperteza, chegando ao concreto das grandes cidades.

De escola em escola, de bairro a bairro, aprendi a ler. Encantei-me por viver vidas que nunca foram ou serão minhas. Aprendi a rezar e vi que isso era inútil, como inútil é tudo o que há de escrito, decorado e repetido no mundo. Aprendi que a desgraça é uma faca afiada em minhas mãos. Nunca a senti porque ela está virada para o mundo. Poderia virá-la para mim, mas vale a pena se ferir? Aprendi a contar a verdade e essa foi a grande forma de mentir.

Vinte minutos, que antecedem os vinte anos. Eu ainda tenho sonhos. Espero e se pago pela primeira vez por gemidos fingidos, quero viver esse momento, quero olhar para a cara dessa mulher e imaginar que ela me deseja, mesmo sabendo que sobre a mesa repousam minhas economias, que antes de mim, tantas águas rolaram, tantos homens a amaram, talvez bem mais, talvez melhores do que eu. Mas quero crer que ao entrar por aquela porta, fechada ainda pra mim, eu serei mais homem que sempre fui. Lembro-me novamente de minha irmã. Poderia ser ela? Minha mãe, abraçando o mundo e abrindo pernas.

Esperando um sonho chegar. Lembro do dinheiro contado no meu bolso, conferido várias vezes, amassado e enrolado, bem no fundo, para não perder. Tanto dinheiro pra mim e ela, parada de pernas abertas, leva tudo. Ela parada de pernas abertas, com sons que nem humanos são, ou com sons que se originam em outros mundos, em outros lugares, gemidos altos, fica por isso com tudo. Minha irmã. Minha mãe, minha puta. Por apenas alguns minutos. Vejo-me em pé. Pereba ainda não saiu. Negrinho demorado. Sua demora é minha certeza. Como uma formiga, solitária, fugindo do bando, nem me vejo passar pela porta. Abandono a casa. O dinheiro economizado esquenta meu bolso. É meu. Não dela. Também não comprarei flores para pôr no túmulo de mamãe ou de minha irmã.

É meu, não delas.

Saio à rua e vejo o dia.

Pego-me olhando o céu. Um azul profundo. Penso na terra e em quem olha pra mim de cima. A terra azul. Tão confuso esse jogo, azul. Olho para a frente e imagino o círculo que compõe o horizonte, escurecendo. Final de tarde, um azul desbotado e uma luz que começa a se apagar. Há pensamentos que não deveriam emergir. Mas tenho coragem, isso me permite fugir do bando. Pereba ainda deve estar lá e depois serei só eu. Nunca fui. Uma formiga desgarrada que desde a primeira lembrança se alimenta de mais lembrança. Corro. Em direção ao fim da rua. Terra batida. Fugir é uma forma de ter coragem, fugir é uma forma de não ter medo. Eu sei o que custa.

Tudo é pago no mundo, descubro. E tudo deve ser cobrado. Entendo a lógica do dinheiro e ele não compra lembranças. Mas ele é meu, elas são minhas. Minha puta, minha irmã e minha mãe, meu dinheiro no bolso. Pereba lá.

Continuo correndo.

Agora sou homem?

ROSAS I

Rosas....
Deve ser bom mastigá-las,
Sentir o sangue escorrer no canto da boca,
Vampiro.

ROSAS II

Uma rosa, embora única,
Deslumbrante,
Pode passar despercebida ao mundo,
No seu lugar nascerão outras rosas
Com os olhos voltados para o nada.

ROSAS III

Os espinhos são a defesa das rosas,
Mas de nada valem contra os tigres,
As tempestades,
As mãos que as desfolham
Deixando trilhas de perfume e sofrimento

Raquel Naveira
É escritora, professora universitária, crítica literária, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, autora de vários livros de poemas, ensaios, romance e infanto-juvenis. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (onde exerce atualmente o cargo de vice-presidente) e ao PEN Clube do Brasil.

Homenagem póstuma
[Para Lêda de Araújo Cassundé Ferreira]

Ela nasceu em julho
E morreu em julho.
Canceriana típica,
Fez jus a sua sina - cuidou!
Foi mãe dos irmãos, da mãe, do próprio pai,
E na velhice, do marido também,
Com quem coprotagonizou
O espetáculo da vida,
Ao longo dos sessenta anos de união.

Pariu três filhos - superprotetora,
Mantinha-os por perto.
Foi guerreira, incansável, única!
Dividiu-se por anos entre o trabalho
E as obrigações domésticas.

Aposentou-se,
Mas nada lhe escapava ao controle - da roupa do esposo à limpeza dos azulejos do banheiro;
Da cozinha à economia familiar,
ela se ocupou.

Hoje, o vento desértico que me invadiu
Tem o sabor acre da morte.
Ela se foi para o outro plano, vítima da covid;
Virou estatística.

Morreu assim como viveu: com altivez!
E me deixou órfã de sua força, de seu carinho,
Do seu colo sempre disponível.
Boa parte de mim se foi com ela.
A parte que ficou agradece a Deus
A sorte de ter vindo ao mundo,
Justamente,
Através de seu ventre.

Walesca Cassundé
Nome literário de Walesca de Araújo Cassundé, cuiabana, residente em Campo Grande-MS. Formada em direito pela FUCMT. Advogada por opção e criminalista por vocação. Poeta por catarse, libertação física e purgação espiritual. Em março de 2017, lançou “Confissões Essenciais”, pela Ed. Gráfica Ruy Barbosa.

MATÉRIA PLÁSTICA

Renato Medeiros
Artista visual e pesquisador em arte contemporânea. É Doutor em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (UnB), jornalista cultural e membro fundador do LABIRINTO, espaço dedicado à pesquisa, criação artística e formação em artes, localizado em Cuiabá-MT. Em 2021, foi premiado em 1º lugar no Salão Jovem Arte MT, na categoria Pintura.

SOBREVIVER À PASSAGEM DO TEMPO E OUTROS FEITOS HEROICOS NA FOTOGRAFIA DE SEBASTIAN MAGNANI

Dos heróis gregos aos super-heróis da Marvel, muitas batalhas foram travadas e muitas outras identidades foram criadas, mas são os feitos notáveis que seguem ganhando as atenções da plateia. Ninguém espera ver como narrativa central do próximo filme da DC Comics um Batman, devidamente mascarado, que protagonize ações banais, como tomar *milkshake* em uma lanchonete ou correr apressado em direção a um banheiro público. Ninguém espera ver um Batman vivendo uma vida mais ou menos ordinária no intervalo entre uma glória e outra, longe das cenas de ação.

Esse é justamente o compromisso que o fotógrafo Sebastian Magnani parece ter assumido na série *Daily Bat*, algo como 'morcego diário', em tradução livre. Por meio da fotografia ficcional, Magnani também conta histórias do homem-morcego, mas prefere posicioná-lo em contextos instagramáveis de lazer, de trânsito ou ainda de ociosidade. Tudo isso sob luzes e cores espetaculares, afastando ainda mais o herói de sua habitual atmosfera sombria. Mais exposto do que nunca, o Batman de Magnani flerta com a fotografia publicitária, em imagens de muito equilíbrio e nitidez, talvez herança da trajetória do artista como profissional criativo de uma agência de publicidade na Suíça, onde reside.

O que parece permanecer, entretanto, é o estado de solitude que caracteriza a personalidade do homem-morcego. Esse é o componente derradeiro que torna possível estabelecer aqui uma relação de proximidade entre essas imagens e as obras de outro artista, o norte-americano Edward Hopper. Em suas pinturas, Hopper soube criar imagens da solidão urbana, cheias de silêncio e melancolia, mas quase sempre com um toque de glamour. Apesar da aparente apatia de seus heróis e heroínas do anonimato, as escolhas cromáticas de Hopper são igualmente exuberantes, brilhando nas imagens mesmo quando o contexto sugere uma cena noturna.

Provavelmente a obra mais conhecida de Hopper seja *Nighthawks*, de 1942 (apenas três anos afastam essa obra da primeira aparição do Batman de Bob Kane, em 1939). Na pintura, três personagens estão sentadas ao redor do balcão de um restaurante, o único estabelecimento aberto à noite em uma rua completamente vazia. Quem vê de fora, enxerga o interior do restaurante pela enorme vidraça que praticamente circunda o lugar. Ali, próximo ao ponto central da imagem, a figura de um homem apresenta-se de costas ao observador, curvado sobre o balcão. A solidão desse homem é quase tão transparente quanto a vidraça que nos permite enxergá-lo, lembrando assim a atitude do Batman que toma *milkshake*, na fotografia de Magnani.

Referências não faltam: a simetria das composições visuais, a saturação das cores em pontos determinados das imagens, os efeitos de luminosidade sobre os assuntos representados ou ainda a melancolia de personagens solitárias vivendo um dia sem glória. A partir dessa breve associação entre os trabalhos dos dois artistas, talvez uma última conjectura seja possível: na maior parte do tempo, um Batman que é gente como a gente não está no campo de batalha, mas sim vivendo dias e noites triviais, como as figuras de Hopper. Talvez à espera de que alguma coisa aconteça.

Na guerra do dia a dia, somos os heróis e heroínas de nossas narrativas pessoais, com momentos pontuais de glória e uma imensidão de esperas e práticas ordinárias. São justamente elas que nos acompanham por mais tempo ao longo da jornada. As fotografias de Sebastian Magnani estão aí também para nos lembrar daquela gloriosa capacidade dos heróis e heroínas, com ou sem máscaras (ou filtros), em sobreviverem cotidianamente à passagem do tempo.

DO CONTEMPORÂNEO

POETA FINGIDOR, ARTISTA FUGITIVO

A alegria não desfruta de boa reputação no mundo das artes. Seja qual for a linguagem artística em questão, diversão é sempre tabu. Artes feitas com prazer, que proporcionem conforto ou que induzam ao riso são frequentemente descartadas como rasas e descomprometidas, incapazes de alcançar a complexidade do sensível. Essa visão, ao menos em parte, encontra sua justificativa no grande número de obras baseadas em narrativas preconceituosas, que exploram, perpetuam e difundem em nossa sociedade as mais grotescas caricaturas de mulher, de negro, de pobre e de LGBTQIA+.

"Fuga" é uma palavra que atiça sensibilidades em qualquer debate. Muito se foge da ideia de fugir. Se fugir é o ato de se desviar daquilo que se deve fazer ou do que se espera que se faça; fugir é, na melhor das hipóteses, um esforço precipitado por sobrevivência; na pior, uma demonstração de covardia e imaturidade. Os vencidos fogem. Os fracos fogem. As crianças fogem. Fugir é a marca dos que não conseguem defender sua posição ou fazer prevalecer sua vontade.

Dito isso, muito do que mais apreciamos na existência são as fugas: medicina é fuga da morte e da doença; confortos é fuga da dore; relacionamentos são fugas da solidão; metas e planos são fugas da inexorabilidade do acaso e dos acidentes que permeiam a vida do começo ao fim.

No entanto, é comum que a fuga, se exposta em uma pintura, uma canção, uma peça, seja percebida como menos artística. Quando filmes e telenovelas são tachados como "escapistas", isso quer dizer que as pessoas os assistem para escapar dos flagelos do mundo real, refugiando-se em um local familiar e cômodo, um quarto quente e macio, repleto de heróis indubitavelmente bons, vilões inegavelmente maus e finais definitivamente felizes.

Uma obra ou linguagem que debanda do real geralmente recebe um insulto pronto, uma desqualificação rápida, um contraponto ao elogio que fazemos às artes que nos colocam à força diante dos aspectos mais duros e desagradáveis da realidade: as falhas humanas que desencadeavam as tragédias gregas, a violência dos dramas de Shakespeare, a miséria exposta no cinema novo brasileiro, o delírio da última série mais badalada.

E se a fuga é uma marca da arte ruim (não que o seja necessariamente), certamente seus marcos fundadores não os melhores estopins para a criatividade: sonhos são ilusões com as quais se revestem aqueles que não tem força para moldar novas realidades para si. A imaginação é um engodo ao qual se apegam apenas as crianças e os fracos. Será? Num mundo em que o auge da arte é dirigir nossos olhos à aflição coletiva, há que se fugir da imaginação. Há que se fugir da fuga. Boa arte, para muitos, é apenas a que aponta as feridas abertas e em sangue vivo do contemporâneo.

Trata-se, evidentemente, de uma visão preconceituosa. Enquanto não se nega o valor dos banhos de sangue e lágrimas que são *Macbeth* e *Hamlet*, o próprio Shakespeare imaginou um mundo de fadas e gracejos em *Sonho de Uma Noite de Verão*, uma fantasia que é tão repleta de observações sobre o mundo e a natureza humana quanto qualquer uma de suas tragédias.

Supor que as artes mais imaginativas e menos realistas são mais rasas é precipitado, assim como é ingênuo presumir que as artes que mantém seus pés no chão se tornam objetivas e reais, e não recorrem a clichês, simbolismos baratos e artificialidades.

Não existe arte sem fuga porque qualquer tentativa de olhar a realidade exige um afastamento da mesma. A arte é sempre um abismo que nos olha de volta. Toda arte faz uso de imagens das profundezas da mente, de metáforas, de lirismos. Otimista ou não, todo produto criativo começa com uma fuga. Não existiria propósito para arte se não houvesse espaço para a fuga. Mais que um belo fingidor, o artista é um belo "fulgidor"- um belo fugitivo.

Obras que misturam realismo e fantasia, como as visualidades de Paula Rego e Frida Kahlo e textos literários como *Sonho de Uma Noite de Verão* ou A metamorfose, tornam muito visível a necessidade por contradição que vive em todo trabalho criativo: para viver no mundo, precisamos confrontar suas complexidades, mas não podemos travar esse confronto sem antes tomarmos distância e nos informarmos sobre o que há de belo e horrível no que nos cerca, sem encontrar sentido no caos e alinhavarmos nossas percepções em arte, em estética, em poética.

Maristela Carneiro
É Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – PPGECCO/UFMT. Docente da Faculdade de Comunicação e Artes – FCA/UFMT, é Mestre em Ciências Sociais e Doutora em História. Coordena o NEC - Núcleo de Estudos do Contemporâneo. Dentre seus interesses, destaque para Estudos de Gênero, Feminismos, Artes e Cultura Visual, Pensamento Decolonial e Epistemologias do Sul.

HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER

Anna Maria Ribeiro Costa
Na primavera de 1982, chegou às terras do povo indígena Nambiquara do Cerrado. Dele recebeu o nome Alusu, devido aos seus hábitos alimentares. Nessas terras conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, em atenção às narrativas míticas e à cultura material e imaterial. É doutora em História pela UFPE e membra efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Grosso.

O PAJÉ E A DONA DO SONO

No tempo de antigamente, o povo Nambiquara do Cerrado não conhecia o sonho porque não dormia. Dia e noite acordado. O pajé lembrou de Tetésu, a jararaquinha-dormideira do cerrado, dona do sono. Com os homens da aldeia, foi até à casa da serpente para aprenderem a dormir. Do lado de fora, gritaram muitas vezes seu nome, até acordarem o réptil. A algazarra rompeu o repouso da jararaquinha-dormideira que, diferentemente de suas peçonhentas primas jararaca e jararacuçu, era tão dócil. Ainda sonolenta, saiu de sua casa para ver o que estava acontecendo.

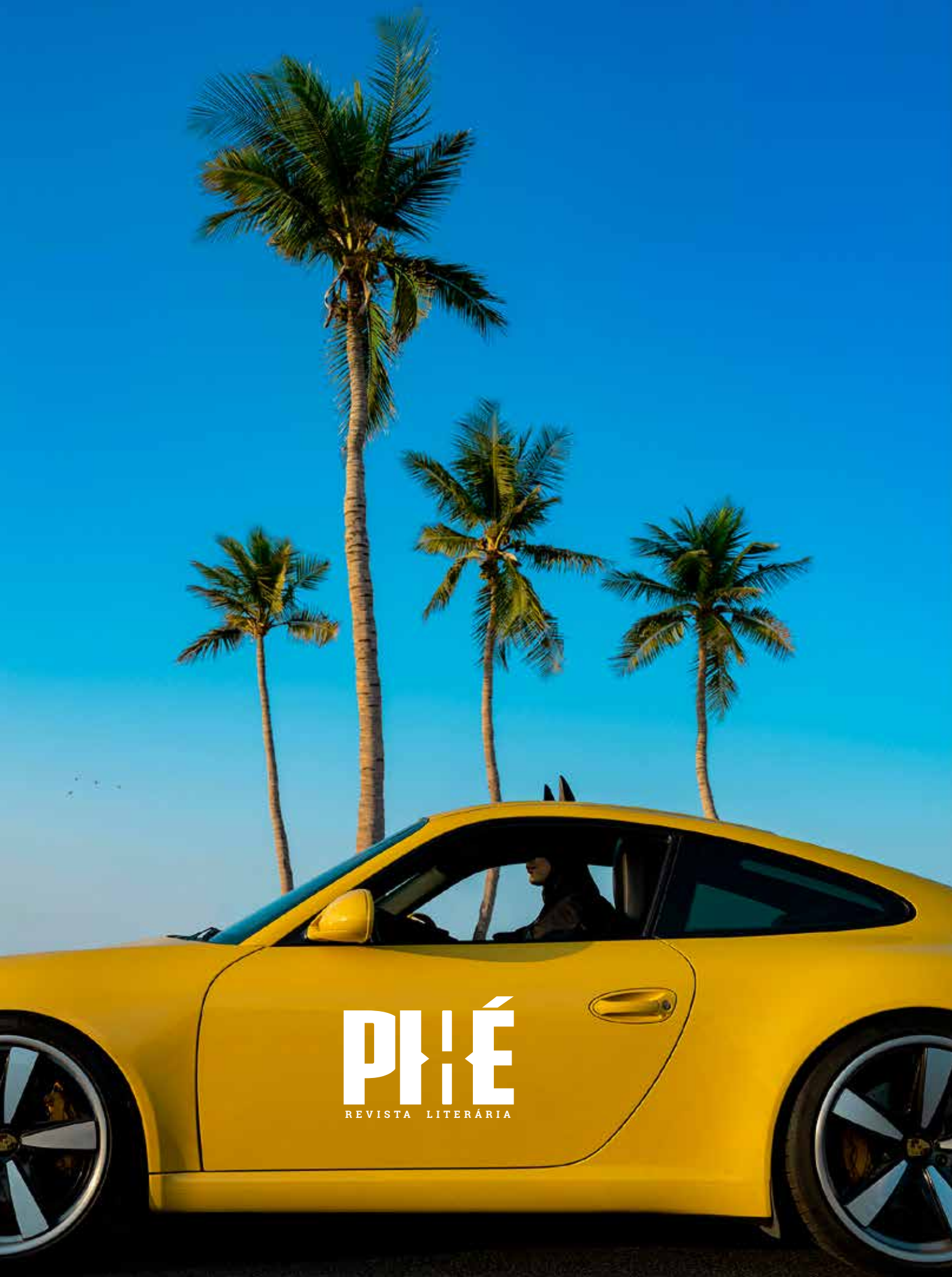
O pajé explicou que gostaria de conhecer o segredo do sono. Queria dormir como ela. Queria sonhar. A serpente prontamente se dispôs a ensinar seu segredo. Antes, preveniu o homem que ao dormir, passaria a sonhar. E que sonhos contam histórias boas e tristes. Assim mesmo, o pajé e seus companheiros não esmoreceram.

Em uma panelinha de barro acinzentado, Tetésu cozinhou sementes de urucum, até virar uma pasta bem cheirosa. Depois misturou cera de abelha para conseguir uma coloração amarelada. Aquela poção mágica os faria dormir. Aconselhou-os a não usar durante o caminho de volta, porque poderiam dormir antes de chegar à aldeia. Desconfiados, obedeceram.

Na aldeia mostraram o precioso presente recebido da bondade da jararaquinha-dormideira e esperaram a chegada da noite para besuntar ao redor dos olhos. Aquela noite foi silenciosa. Nada se ouviu. Dormiram. Sonharam. Nunca mais esqueceram de Tetésu por conta da remela nos olhos, ao acordar, lembrando da pasta mágica dada pela amiga.

Sonhos bons, sonhos ruins, como havia alertado Tetésu. Com o sono veio o sonho. O pajé passou a dispor da capacidade de ter sonhos premonitórios; de enxergar pelos sonhos o que irá acontecer na vida aldeã; de enlaçar seus sonhos ao modo de ver o mundo e o homem, a alma e o espírito; de conhecer os desejos dos espíritos da natureza e os espíritos ancestrais; de lembrar do que foi recebido pelo sonho ao acordar e de interpretá-lo; de fazer acontecer o que de bom sonhou; de evitar acontecer o que de ruim sonhou; de não guardar para si as mensagens recebidas. Também, pelos sonhos passou a ser versado em novas cantigas para receber espíritos nas cerimonias de cura e animar os rituais de iniciação à puberdade feminina; novos nomes para crianças recém-nascidas.

Depois de aprenderem a dormir e a sonhar, tentam a todo custo obstar sonhos indesejáveis. Ao contrário, o pajé é receptor de mensagens do universo onírico, onde não há vagar em que seus sonhos não cumprem uma atribuição preponderante. Fonte de sabedoria e de boas palavras, espera pela redução espontânea das chamas das fogueiras para adentrar no mundo das imagens – gentes, animais, aves, insetos, vegetais, objetos – e levar à aldeia o bem viver.


PIÉ
REVISTA LITERÁRIA